MAPPA HISTORICO-MILITAR-POLITICO,

E

MORAL DA CIDADE DE EVORA,

OU

EXACTA NARRAÇAÕ DO

TERRIVEL ASSALTO,

QUE Á MESMA CIDADE

DEO O

GENERAL LOISON

COM HUM EXERCITO

DE NOVE MIL HOMENS

EM O FATAL DIA 29 DE JULHO

DE 1808.

COM DUAS ESTAMPAS.

POR

J. L. R. M. L.

AMIGO DE DEOS, E DOS HOMENS.

VOLUME I.

---

nisi Dominus custodierit civitatem,
frustra vigilat qui custodit eam.

LISBOA,

NA OFFICINA DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impressor do Conselho de Guerra.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

1814



PROTESTAÇAÕ.

O Excellentissimo General Leite, de quem se falla nesta obra, houve-se com valor, e honra proprias do seu nascimento, e caracter: negar-se a huma tal empreza, que elle conheceo terrivel, e funesta, seria expôr-se a ser massacrado pelos intoleraveis Authores della. Em taes apuros fez quanto estava da parte de hum General arrancado para a batalha por huns poucos de levantados sem arte, e sem natureza, sem forças, nem discernimento. O mesmo se pode dizer do Excellentissimo Arcebispo, e da fatal Regencia de Evora, com a differença, que esta perdeo o tino inteiramente, e o General Leite sempre o conservou prudentemente, como circumstanciada e exactamente se verá no decurso desta obra; sendo certo que entre os da Regencia havia homens prudentes, e sabios, mas destes era o número mais abbreviado.

Descendit ille habitans in monte, et percutiens eos, atque concidens persecutus est eos.

Numer. Cap. 14 v.º 45.

AO MUITO ALTO,

E

MUITO PODEROSO

PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL,

NOSSO SENHOR.

SENHOR

A Antiga, e nobre Cidade de Evora, que desde os tempos de Sertorio, e de Viriato adquirio nos Fastos da Historia tamanha reputaçaõ, quanta ainda hoje attestaõ os livros, os monumentos, e as Lapidas; esta Cidade, que desde a origem da Monarquia Portugueza deo sempre testemunhos de huma lealdade raras vezes imitada, ainda (até hoje), naõ degenerou do seu antigo valor, nem da sua fidelidade. Faltaõ-lhe (assim he) muitos esclarecidos Anciãos, Pais da Patria, que por ella naõ duvidavaõ expôr suas pessoas, e suas casas, mas no geral de seus Habitantes existe ainda hum amor aos seus legitimos Soberanos, e hum patriotismo taõ exaltado, que deve sem duvida servir de exemplo aos Póvos mais fiéis da invencivel Naçaõ Portugueza. O terrivel, e medonho catastrofe acontecido no dia 29 de Julho de 1808, he hum monumento eterno gravado com centenares de vidas, e com rios de sangue humano, que abonaõ a honra, o valor, e a lealdade do Clero, e do Povo Eborense. Sem tropas, sem armas, sem muniçêes, sem gente, e sem recursos, quando ainda a Capital do Reino, e as outras das Provincias gemiaõ debaixo do tyranno, e per-

fido jugo Francez, quando o horrivel General Kellerman com o seu aladroado exercito opprimia todo o Além-Téjo, resolveo Evora acclamar o seu Augusto, e Legitimo Principe Regente, e naõ se demorou hum instante em pensar se lhe seria ou naõ possivel verificar sua gloriosa resoluçaõ. Bastou que duas, ou tres pessoas lhe propuzessem a sublime, mas arriscadissima empreza, e naõ lhe importou indagar a origem da proposiçaõ, nem mesmo se os Proponentes tinhaõ os requisitos necessarios para taõ difficil, e alto empenho. Hum Povo (por mais manso, e docil que seja) perdeo a ordem, e a regularidade desde que se poz em tumulto: outro tanto acconteceo ao de Evora, que tendo-se cegamente proposto ao seu glorioso empenho, nunca mais teve tino para ver os enormissimos erros, que todos os dias se commettiaõ: exemplo de fidelidade prodigiosa, de valor pasmoso, e de subordinaçaõ inimitavel em huma Cidade, que obedeceo aos Superiores, e aos Chefes até ao ponto de se ver banhada em sangue, e entregue a hum horrivel saque! De Evora he que devem aprender Braga, o Porto, Guimarães, e Beja a respeitar os Chefes, e os Magistrados. Naõ ha para ensinar os Póvos melhor liçaõ do que a experiencia dos seus proprios infortunios. Eis-aqui a bem advertida razaõ das Leis, que mandaõ expôr nos lugares dos delictos horrorosos as cabeças dos suppliciados por elles. Eis-aqui porque a mais discreta Jurisprudencia de algumas Nações manda, que á custa das Rendas Públicas, ou do Estado se imprimaõ, e se vulgarizem os processos (sem excepçaõ de Tribunal algum) naquellas causas, em que he necessario instruir, e desabusar a Naçaõ. A historia do horroroso catastrofe de Evora ainda he ignorada pelos mesmos, que o viraõ, e que estiveraõ no meio

della. Taes estavaõ de enthusiasmo, e de vertigem as cabeças das Gentes naquelles calamitosos dias, que só quando o poderoso estimulante alcalino desta narraçaõ lhes traspassar o cérebro amortecido, he que haõ de tornar a si do mortifero lethargo, em que ficáraõ. Altissima utilidade lhes damos nesta obra; nella devem os Póvos aprender a naõ consentir jugo estranho, e a naõ se involverem nas emprezas difficultosas sem o conselho, e sem a direcçaõ de pessoas prudentes, fiéis, e desinteressadas: deste modo seraõ felices em seus gloriosos empenhos, e naõ teraõ (como Evora teve) a desgraça de succumbir com a total ruina de milhares de vidas, e milhões de crueldades. Discreta Lisboa, tu eras muito capaz de imitar o patriotismo de Evora, o teu naõ era menor, mas tiveste mais discernimento, e por isso poupaste ao nosso Augusto Principe milhares de Vassallos, cujas vidas lhes saõ taõ caras. Se Evora se tivesse contido mais quinze dias, seria felizmente restaurada com o total da Naçaõ sem padecer hum taõ lamentavel, e horrendo catastrofe. E quanto naõ seriaõ agora vantajosas, e adiantadas as cousas da Hespanha, se seus numerosos, e ricos exercitos naõ tivessem sido massacrados pela inercia, ou desleixamento, orgulho, ou ignorancia, e altiva presumpçaõ de alguns seus menos dignos Generaes. Mais de seiscentos mil homens deve a Hespanha referir como deliberadamente entregues ás armas Francezas pela má dignidade dos Chefes, a quem os havia indiscretamente confiado. E senaõ; procuremos aos mesmos Hespanhoes desapaixonados pelos grandes exercitos, que mandou o Governo a Ocanha, a Despenhaperros, a Medelim, á Galliza, a Eoya, a Navalmoral, a Cidade-Real, a Xevora, a Triana, e a infinitos outros Depar-

tamentos??? Tudo deixou de existir pela desordem, e má escolha de Generaes. Para que outro tanto nos naõ acontecesse, he que a generosa Grã-Bretanha nos enviou o immortal Wellington, que nos tem ensinado a escolher os Chefes, e a vencer os Francezes: Deos o defenda a bem da Humanidade, e da causa justa, e guarde a Vossa Alteza Real para exaltaçaõ da Fé, e terror dos ímpios. Beija as Mãos de Vossa Alteza Real o mais fiel de todos os seus Vassallos Portuguezes

Amigo de Deos, e dos Homens.



GRITO GERAL
DE
REVOLUÇAÕ
CONTRA OS INIMIGOS DA LIBERDADE, E DA INDEPENDENCIA DA MONARQUIA PORTUGUEZA.

PORTUGUEZES — O nosso Reino he por excellencia — Reino de Deos — A origem Santa da nossa Monarquia he obra magnifica da Omnipotente Maõ do Senhor. O primeiro dos nossos Augustos Soberanos, cuja Dynastia, por Celeste Bençaõ, nos governa, foi apontado pela Dextra do Deos Santo. He de Fé humana essa prodigiosa apariçaõ de JESU-Christo ao nosso primeiro Rei, por elle designado para Chefe Soberano do seu Povo escolhido. A Bandeira Sagrada, que resgatou o Genero Humano da tyrannia do Inferno, essa mesma he a Bandeira do nosso abençoado Reino. As Chagas Sacrosantas de JESU-Christo, e os dinheiros porque foi vendido, eis-aqui as Armas que abonaõ a santidade, e perpetuidade da nossa Monarquia. Estas verdades constantes, e puras naõ seraõ jámais supplantadas pela impiedade, pela dureza, e pela perfida incredulidade: o Ceo, e a Terra as abonaõ; monumentos religiosos, e authenticos as defendem, e huma invariavel Tradiçaõ de bom caracter as qualifica. O zelo ardente, que abrazava o coraçaõ do Santo Rei D. Affonso Henriques contra os inimigos do Nome de Deos em Campo d'Ourique, era igualmente digno de que JESU-Christo com a sua Divina Presença o vivificasse, como em outro tem-

po o do Imperador Constantino, e os dos Fiéis combatentes de Clavejo, das Navas de Tolosa, e das margens do Salado. O Deos, que pugnava pela Gloria de Seu Nome Santo na pessoa de D. Affonso Henriques, e do Povo Portuguez, era sem dúvida o mesmo que já tinha feito outro tanto na Pessoa de Moysés, e do Povo Hebreu, na de Pedro em Antioquia, e na de Paulo em Damasco. Deos naquelles tempos naõ era mais interessado pela sua Gloria, nem o seu Throno nos Campos d'Ourique perdia a Magestade do monte Oréb, nem os Portuguezes conduzidos pelo Santo Rei D. Affonso Henriques contra os Pagãos, e os Infieis mereciaõ menos do que os Hebreus conduzidos por Moysés contra os rebeldes, e os incircumcisos. Portuguezes — Huma Naçaõ como a nossa, cujos Soberanos saõ obra da Predilecçaõ de Deos, e cujo Territorio he abençoado pela Divina appariçaõ de Christo, tem por attributos essenciaes, e privativos a Religiaõ, a honra, o valor, e a fidelidade. Do primeiro he prova inconcussa, a heroica constancia, com que Portugal, mais que todas as Potencias Peninsulares, recusou sempre dar entrada aos erros nefandos desses pestiferos Heresiarcas, que atormentáraõ as Regiões da Hespanha, limitrofes da inclyta Lusitania. Do segundo daõ perenne testemunho os briosos sentimentos, com que os nobres Portuguezes conduzidos sempre pela moral mais solida, tem conservado sem mancha a reputaçaõ do seu nome desde os paízes aonde o Sol tem o berço, até aos climas aonde jaz o seu sepulcro. Nenhuma Naçaõ levou o seu Commercio a Gentes taõ remotas, nem até hoje o conservou igualmente radicado na verdade, na lizura, e na igualdade. Assim o attestaõ a Europa, a Africa, a America, e a Asia aonde a linguagem Portugueza chegou a ser a dominante em toda a extensaõ do Circulo Commercial. Do terceiro tantos saõ os padrões que o demonstraõ, quantos os palmos de terra que pizamos; Lisboa, Santarem, Coimbra, Braga, Porto, Guimarães, Evora, Elvas, Almeida, Campo-Maior, Aljubarrota, Campo de Ameixîal, Montes Claros, e quasi todas essas famosas praças desde o Cabo de S. Vicente até Aronches; e desde Noudar até Melgaço, tudo está juncado de ossos, e tinto com o sangue daquelles temerarios, que ousáraõ accommetter o nosso Territorio. A Ethiopia,

a Arabia, a Persia, a India, as terras, e os marés do hum, e outro Hemisferio, em fim o Mundo todo repetem com terror, e espanto o nome Portuguez, e o valor prodigioso de huma Naçaõ escolhida pelo Senhor, pela qual se vio mais de huma vez, entre os seus Exercitos, combater hum Braço forte, e terrivel defendido por huma aza refulgente, e invulneravel: mas do quarto attributo essencial, e privativo da Naçaõ Portugueza que vos direi eu que naõ seja sempre diminuto em relaçaõ ao muito que ha a dizer? Quem jámais será capaz de ponderar dignamente as sublimes excellencias de huma virtude admiravel, que, se naõ he a primeira de todas as virtudes, he sem dúvida o cofre que as encerra todas? Haverá por ventura alguem (a naõ ser algum Damasceno, ou algum Chrysostomo) que possa cabalmente pintar as bellezas, e a candura da fidelidade? Esta virtude que a Santa Igreja escolheo para com ella tecer o alto elogio dos Heroes Santos; esta virtude potente, que só ella he vigorosa para debellar a ingratidaõ o maior de todos os monstros; esta virtude que naõ habita outro coraçaõ senaõ o do homem religioso, honrado, e forte; esta virtude que o Ceo produzio para prosperar a Terra, esta he a que desde a origem da nossa Monarquia fez elevar os Portuguezes acima de todas as Gentes; por ella os nossos gloriosos antepassados praticáraõ heroicidades pasmosas, que transcendem os limites do possivel, e abysmaõ a ordem regular da Natureza. Haverá por ventura alguma Naçaõ taõ copiosa em seus annaes de prodigios de fidelidade? Haverá acaso Vassallos alguns em todo o Orbe que possaõ assemelhar-se aos Portuguezes, quando se trata de fidelidade aos seus Soberanos? Esse Portuguez illustre que em huma das portas de Lisboa se atravessou com a espada na mão a impedir a entrada dos Vandalos sem deixar romper o seu posto, até ser traspassado de lanças, aonde se lhe achará igual? Esse Governador esclarecido, que só depois de morto, e assassinado largou as chaves da Cidade aos pés do seu Soberano, aonde terá semelhante? Esse nobre Cavalleiro, que nem mesmo despedaçado, e em muitas partes partido, se affastou do Castello que defendia, quem será capaz de imitallo? Esse outro Governador famoso, que teve valor heroico para ver esquartejar seu Pai em mãos do inimigo

cruel, sem por elle se affastar da honra dos seus deveres, e da fidelidade ao seu Rei? Esse Soldado sem pár, que no ardor do combate, vendo-se exhaurido de balas para carregar a espingarda, arrancou os dentes para naõ perder tiro? Esses Barrigas, Barbas, Pachecos, Lobatos, Farias, Fernandes, Rodrigues, Veigas, Gonçalves, Monizes, Coelhos, Alvares, Castros, Albuquerques, e infinitos outros, de que a nossa Historia he recheada, aonde haverá quem possa imitallos a naõ serem os Portuguezes seus descendentes?? E quem senaõ a virtude da fidelidade seria capaz de fornecer tanto valor, tanta bizarria, e tanta animosidade?? Saõ tantos, e taõ extraordinarios os factos heroicos que abonaõ a fidelidade Portugueza, que nenhuma Historia antiga, ou moderna, nacional, ou estrangeira deixou de referillos com admiraçaõ, e com espanto. Bem merecido he, e ganhado foi con centenares de factos sublimes esse glorioso Titulo de Fidelissimo, essencial, e privativo da Naçaõ Portugueza, com que Deos Nosso Senhor (mediante a Pessoa do Vigario de Christo na Terra) marcou a frente do seu Povo religioso, honrado, valente, e fiel. E qual dos Portuguezes actuaes, e futuros deixará de dar o sangue, e os ossos em desempenho da sua fidelidade? E como poderá charmar-se fiel aquelle Portuguez que sete vezes cada dia, e outras sete cada hora naõ protestar defender a pureza da sua Religiaõ, a inviolabilidade da sua honra, a integridade do seu valor, e a extensaõ da sua fidelidade??? E quem chamará fiel aquelle Portuguez, que se naõ horrorisou de ver profanada a Santidade dos seus Templos, escarnecida a candura de sua honra, mofado o seu valor, e affrontado o seu legitimo Soberano?? E será possivel que os filhos dos antigos Portuguezes deixem de bramir, e de enraivecer-se contra os aggressores do seu Deos, do seu Rei, e da sua Lei??? Portuguezes — se ao pensarmos semelhantes enormidades, nos naõ rebentaõ as arterias, nos naõ rangem os dentes, e os ossos se naõ deslocaõ, entaõ naõ somos dignos do nome Portuguez; entaõ naõ o profanemos: deixemos entaõ de usar delle; mas quem naõ preferirá antes perder a vida do que perder a honra, e a gloria, de que só nós somos herdeiros forçosos? A maior injuria, e a mais execravel affronta, que pode commetter-se contra o nome, Portuguez

he a simples temeridade de querer impôr-lhe jugo estrangeiro: nenhuma ferida taõ penetrante pode traspassar os coraçóes dos fiéis Lusitanos como a de verem ultrajadas as Armas Sacrosantas, com que JESU-Christo se dignou marcar a frente deste seu Povo escolhido, e fiel. Nada mais insultante, nem mais provocativo da nossa raiva, e do nosso furor do que o considerarmos que algum impio, e sacrilego Tyranno intentava roubar a gloriosa Soberania Portugueza, que JESU-Christo concedeo ao Santo Rei D. Affonso Henriques, e aos legitimos Successores do seu abençoado sangue. E poderia acaso chamar-se fiel algum dos Vassallos Portuguezes, que ao avistar o abominavel usurpador da Soberania dos seus legitimos Monarcas, o naõ accommettesse para devorallo, ainda que para isso fosse necessario romper Esquadrões cerrados, e entre elles exhalar a vida, feito em quartos? Que fidelidade seria a nossa, se tivessemos a fraqueza de supportar estranho jugo? De que honra poderiamos jactar-nos, se naõ quizessemos antes perder a vida do que a honra? De que valor nos gloriariamos se, perdendo a nossa liberdade, e a nossa natural independencia, chegassemos a ser escravos? Portuguezes — essa nobre, e exemplar fidelidade jurada pelos nossos Maiores, e ratificada por nós mesmos aos legitimos Soberanos que JESU-Christo nos assignalou em D. Affonso Henriques, e na sua geraçaõ; essa fidelidade incomparavel, com que os nossos antepassados, á custa de suas vidas, leváraõ com gloria immortal o Nome dos Soberanos Portuguezes desde hum Polo até outro Polo; essa fidelidade com que nenhum Portuguez legitimo (a naõ ser algum Jacobino) se deixou até hoje vencer, nem de rogos, nem de ameaças, nem de thesouros, nem de tormentos para atraiçoar os seus Soberanos; essa fidelidade com que os nossos Avós esmagáraõ os insurgentes, e os rebeldes da Asia, da Africa, da America, e da Europa; essa fidelidade santa que, se fosse necessario plantar-se de novo entre os Homens, viria buscar-se de Portugal, aonde o Ceo a tem preservado pura, e incontaminada; essa fidelidade virtuosa que he inseparavel dos Anjos, e dos Portuguezes, naõ soffre a mais remota presumpçaõ de attentado contra a Soberania, e independencia da Naçaõ Portugueza. Ser Portuguez, e ser fiel he tudo o mes-

mo: ser Portuguez, e ser bom Christaõ, naõ deve ter differença: ser Portuguez, e ser honrado saõ synonymos: ser Portuguez, e ser valente saõ antonomasticos. Portuguezes — nos Livros Eternos da Providencia está escrito que a Naçaõ Portugueza, e a Soberania dos seus legitimos Monarcas seraõ sempre livres, e independentes: a par da palavra de Deos anda por essencia a verdade, e a infallibilidade: mais de huma vez permittio o Senhor, talvez para maior gloria da nossa Naçaõ, e para confundir os inimigos do seu Santo Nome, que Portugal fosse invadido por Gentes barbaras, e por Exercitos ferozes, mas outras tantas vezes os Portuguezes fiéis ao seu Deos, e ao seu Rei tem gloriosamente sacudido o jugo, e sustentado a sua natural independencia. A Revoluçaõ he o Castello inexpugnavel, aonde a fidelidade se faz forte. A Revoluçaõ he o facho sagrado, que abre o caminho aos fiéis, e o cobre de trevas aos turbulentos aggressores. A Revoluçaõ he hum raio terrivel, que dos Saulos fórma Paulos. A Revoluçaõ he a lampada inextinguivel, que devemos ter na maõ em memoria de que a nossa fidelidade se naõ apaga. A Revoluçaõ finalmente he o lume, com que devemos incendiar, e reduzir a cinzas todos aquelles que attentarem contra a nossa Lei, e contra o nosso Rei. Nada ha mais portentoso nos Fastos da nossa Historia do que as admiraveis Revoluções, com que os nossos Maiores, cheios de Religiaõ, de honra, de valor, e de fidelidade souberaõ sacudir o infame jugo estrangeiro, e sustentar illesa a liberdade, e a independencia Portugueza; mas com quanto acerto, com quanta arte, e com quanto discernimento elles souberaõ revolucionar-se, isso he o que mais cumpre naõ esquecer. Além do que se acha escrito nos nossos antigos annaes, relativo á dexteridade, e finura das felices revoluções, bastaria ponderarmos o que se praticou na sempre memoravel a favor do Senhor Rei D. Joaõ IV. contra as iniquas, e violentas usurpações dos Filippes Hespanhoes. Quantas, e quaõ seguras medidas, e com quanto, e quaõ profundo segredo, e politica: quantas, e quaõ capazes Pessoas: quantas, e quaõ opportunas conjuncturas de tempos, lugares, e modos, entaõ se adoptáraõ, demonstraõ assás que aquelles venerandos Portuguezes, em quem começou a venturosa revoluçaõ, naõ tinhaõ menos fideli-

dade, valor, e honra para intentalla, do que juizo, finura, e delicadeza para levalla felizmente ao desejado fim. O Illustre D. Francisco Manoel de Mello na Epanafora, que intitulou — Alteraçöes de Evora — deixou aos vindouros huma viva recommendaçaõ a favor das Revoluçöes, e da prudencia, que deve acompanhallas, em ordem a que o seu exito possa ser, além de seguro, e certo, igualmente na sua execuçaõ menos desastroso: assim mesmo naquella occasiaõ o soube discretamente praticar a Capital do Reino, aonde a fidelidade, a honra, e o valor andáraõ a par da prudencia, e da boa ordem; mas para que he recorrermos agora aos passados tempos a buscar exemplos de huma cousa que nós mesmos em nossos dias a vimos, talvez melhor do que os nossos Maiores nas suas Eras? Quem haverá taõ cego, que deixe de ver que se no centro das inimigas tropas, que occupavaõ a Cidade do Porto, naõ existisse hum Ballesta, e á testa da Revoluçaõ naõ estivesse hum Bispo — Castro — igualmente Apostolo fiel, e General intrépido, ou a primeira revoluçaõ se naõ teria realizado, ou teria consumido muitos milhares de vidas? E quem naõ vê que a delicadeza, e finura, com que os Leaes Portuenses dirigidos pelo seu immortal Bispo souberaõ aproveitar-se de Ballesta, foi o mais firme, e o mais seguro alicerce para a grande Obra da Restauraçaõ? Portuguezes — a Revoluçaõ he huma magnifica, e prodigiosa obra, que naõ podendo deixar de ser sempre bella e formosa, será com tudo mais firme, mais elegante, e mais magestosa á proporçaõ dos Architectos que a formarem, e das materias de que for composta a sua construcçaõ. Portuguezes — Revoluçaõ, e mais Revoluçaõ — eis-aqui a Divisa respeitavel da nossa Religiaõ, honra, valor, e fidelidade. Quem disser que a Revoluçaõ emprehendida com juizo, sagacidade, e finura deve ser mais bem effeituada, do que aquella aonde reinar a desordem, a ignorancia, e o atropello, terá dito huma verdade infallivel, sem deixar de louvar a Revoluçaõ em geral; bem como aquelle que em quanto impugna os supersticiosos, recommenda, e louva a Santidade da Religiaõ desaffectada, e pura. Portuguezes — Revoluçaõ, e mais Revoluçaõ contra os inimigos do Nome de Deos, e da nossa independencia, mas sem debellarmos as nossas legitimas, e fiéis

Authoridades, sem massacrarmos os nossos Chefes benemeritos, e sem nos precipitarmos nos horrores da anarquia, da qual saõ inseparaveis a morte, a impiedade, a desgraça, e as abominaçŏes. Revoluçaó, e mais Revoluçaõ, mas a favor de Deos, do Rei, e da Patria, e nunca em seu desabono, nem da incomparavel fidelidade Portugueza. Quem vivamente se interessa pela nossa Naçaõ, e quem se esforça por ensinar-vos a ser Revolucionarios de exemplar, e de heroica conducta, vos offerece para vossa instrucçaõ a Historia da Revoluçaõ Eborense, escripta pelo Portuguez

Amigo de Deos, e dos Homens.



INTRODUCÇAÕ.

§. I.

Desde o mez de Julho de 1808, que será sempre ensanguentado nos Annaes da Historia de Evora, até ao de 1812, o quarto da feliz restauraçaõ da Independencia Portugueza, tençaõ nenhuma em nós havia de escrevermos a Historia do Assalto de Evora. Ouviamos sem alteraçaõ referir factos particulares, e acontecimentos públicos attribuidos ao fatal dia 29 de Julho, que ou nunca haviaõ existido senaõ na mente dos impostores, que de proposito os fabricavaõ para encobrirem seu manhoso comportamento, subtrahindo-se á defensa da Patria, e até convertendo em seus particulares, e privados usos os recursos, que os fiéis Patriotas tinhaõ aprompiado; ou eraõ taõ ardilosa, e falsamente compostos, que logo ao primeiro golpe de vista, mostrando-se incriveis, descobriaõ a ignorancia, ou a malicia, que em si continhaõ. Os primeiros traziaõ sua origem ou daquelles, cuja fuga se naõ limitou dentro em dez legoas, ou de outros, cujo terror, e confusaõ os acompanhou até Olivença, e Badajoz, depois de haver-se decretado (até com pena de morte natural, e civil) que ninguem se affastasse da defensa da Cidade. Os segundos procediaõ de pessoas, que tendo por costume mentir, sabem lançar maõ das convulsões populares, para urdirem factos manifestamente suppostos, e que, apezar disso, achaõ entrada em cabeças pobres de corpos ricos, que ouvem muito espantadas contar cousas encantadoras do Fradinho, que appareceo repentinamente no lugar da primeira refrega (ao lagar da Maxóca) bailando entre os estilhaços da Artilheria, e as metralhadas incessantes do alto do moinho de Vento, e saltando como hum macaco em hum ribeirinho secco, sem repararem que às pessoas, que tal appariçaõ referem, já a esse tempo tinhaõ fugido da acçaõ, e hiaõ caminhando a ouvir cantar os gallos de Hespanha; pessoas em fim, que nem juizo, nem piedade tem para deixa-

rem de involver Santo Antonio, ou S. Francisco em huma scena taõ cruel, e com hum caracter só proprio de qualquer Pelotiqueiro, ou Saltimbanco em tempo de Carnavaes.

§. 2.

Sendo nós, talvez das unicas pessoas, que mais de hum mez antes do assalto, tinhamos penetrado desde a sua origem as disposições secretas da Quinta do Sande, que ainda hoje saõ ignoradas na Cidade, e sendo tambem quasi dos unicos defensores da Cidade, que tendo observado com reflexaõ as providencias, que se tomáraõ, a inefficacia dellas, os erros indesculpaveis, que se commettêraõ, assim na Theoria Politica, como na Pratica Militar, tinhamos igualmente presenceado os horrores, as carnagens, as abominações, as impiedades, e as infinitas desordens, que o inimigo praticou, assim nas ruas, como nas casas, nas praças, nas Igrejas, nas Clausuras, e até no Santa Sanctorum, ouviamos, até hoje que vamos escrevendo, referir milhares de mentiras, e centenares de ignorancias, sem por isso nos deliberarmos a lançar maõ da penna.

§. 3.

Temos lido tudo quanto á cerca do terrivel assalto de Evora, até este dia, se tem escrito. Admirariamos sem dúvida, que hum homem, aliàs douto, qual he o Doutor Antonio Mexia Fouto Galvaõ, tivesse escrito, como escreveo, tantas cousas, ou suppostas, ou desfiguradas, na sua obra, que intitulou — Evora Exaltada nos seus abatimentos —, se naõ soubessemos que elle escreveo fóra da sua casa, sem apparatos, sem exame, sem outras noticias, mais do que as vulgares, e sem outros auxilios senaõ os que lhe foraõ ministrados por algumas pessoas, que devendo ter feito boa figura nas calamidades da Patria, quizeraõ que a tinta, com que escrevia aquelle sincero Doutor, dealbasse as manchas, de que suas consciencias se achavaõ oneradas, por terem desamparado a Cidade naquella occasiaõ apertada, em que elles tinhaõ dobradas obrigações de a defender; mas este Doutor benemerito pelo seu illustre nascimento, e pelas suas estimaveis qualidades, novamente trata de-

corrigir, e additar a sua primeira obra, a cujo intento tem adquirido varios apparatos.

§. 4.

Quizemos ler a descripçaõ do assalto de Evora, feita por hum Presbytero taõ recommendavel, qual he o Padre José Joaquim da Silva, que a fez, e intitulou — Evora Lastimosa — mas tantas lastimas fizeraõ em nosso coraçaõ effeitos taes, que naõ podémos mais do que ler a decima parte de taõ lastimosa descripçaõ.

§. 5.

Vimos finalmente (além de algumas obrazinhas Poeticas, em que os excessos de enthusiasmo suppriaõ a falta de realidade) a discreta e bem judiciosa relaçaõ; que do fatal assalto fez o doutissimo, e illustre Desembargador José Accurcio das Neves na sua preciosa obra; que intitulou — Historia da Invasaõ dos Francezes em Portugal, — e que merece hum Throno de ouro no Reino da Literatura Portugueza: mas este Historiador esclarecido, e incansavel indagador das primeiras, e segundas cousas, a quem nada do Politico, e do Estratagetico ficou occulto, naõ podia ter taõ circumstanciado conhecimento dos successos parciáes da Naçaõ, como o tinha do geral, e Ministerial della; nem o objecto, a que elle se havia proposto, permittia historiar de cada huma das Cidades do Reino com extensaõ.

§. 6.

Tudo quanto liamos, e ouviamos do assalto de Evora, e relativo a elle, se cada vez mais nos desenganava de que todos os factos por mais públicos, que sejaõ, naõ saõ por isso izentos de variedades, e desfigurações, naõ nos impelliá com tudo a lançar maõ da pena. Fallar a verdade he dever do homem social, e religioso: deixar de dizella he hum onus, que a Politica muitas vezes im-

C ii

põe ao homem discreto. A Sociedade tem direito a reclamar a verdade, que todo o homem deve manifestar, ou fallando, ou escrevendo; mas nenhum direito tem a exigir, que se lhe propalem aquellas, cuja noticia nada importa á manutenção do seu bem fysico, ou moral. A lição de bons, e puros escriptos he o mais interessante nutrimento dos homens sociaes, e cultos; assim como dos impuros, e envenenados livros procede sem remedio a epidemia, e a morte das Sociedades, e dos Imperios. O mal moral he dois tantos mais ruinoso do que o mal fysico, porque se este destroe os corpos sómente na sua estructura, aquelle os anniquilla igualmente na sua essencia.

§. 7.

Destes principios, aliàs certos, e innegaveis, tiravamos por consequencia a seguinte maxima geral — ou escrever com pureza, e verdade, ou naõ escrever —: E como na primeira das duas enxergavamos os delicados encontros, que costumaõ originar-se da má Politica, em quanto prohibe, que se manifestem os Authores dos erros, que desgraçaõ as Cidades, tinhanos em tal caso por mais segura a segunda, e assentavamos de naõ escrever.

§. 8.

Ao vermos porém, que grande parte dos homens circumspectos ouviaõ com gosto referir cousas para elles incognitas, quando fallavamos privadamente sobre este decantado objecto, e que sem tençaõ de lesongear o nosso animo, nos pediaõ que assim mesmo as escrevessemos; estas sinceras, e reiteradas instancias, e o desprazer, que nos causava naõ serem exactamente conhecidas (nem mesmo daquelles que as viraõ) as origens, e o nexo de tantas calamidades, foi isto o que maior força teve para arrancar-nos de tamanha perplexidade.

§. 9.

Procuraremos naõ exceder os limites, que deve ter huma relaçaõ historica, sem circumstanciarmos os peque-

nos acontecimentos da segunda, e terceira ordem, os quaes, pela maior parte, só servem ou de sombrearem os da primeira, ou de complicarem os factos, e transtornarem a boa ordem: aquelles porém, cuja noticia importa ao desenvolvimento das causas primarias; aquelles que em si mesmos encerraõ alguma cousa de raro, e extraordinario, e aquellas anecdotas, em que houver qualquer generó de celebridade, naõ deixaremos de referillas, sem com tudo mesclarmos a nobreza da historia com aquelle pedantismo, que costuma dominar a plebe, propensa sempre a entreter-se com casos frivolos, e de nenhuma importancia.

§. 10.

Teriamos deixado de fallar (ainda mesmo indirectamente) das Regencias de Sevilha, e de Badajoz, de Villa Viçosa, e de Beja, se ellas naõ tivessem hum taõ proximo influxo nos acontecimentos de Evora. Se todas merecem eterno louvor pelo exaltado patriotismo, com que pretendêraõ sacudir o tyranno jugo Francez, naõ deixaõ aliàs de merecer eterna reprovaçaõ a de Beja; a de Villa Viçosa, e de Evora por haverem desatinadamente entrado em huma empreza, que naõ foraõ capazes de realizar, e da qual naõ se tirou outro fructo, senaõ perderem-se centenares de vidas, e seguirem-se milhares de sacrilegios, impiedades, abominações, saques, ferro, fogo, e morte. Assim como he digno de laminas de ouro o General prudente, que sabe aproveitar-se de todos os recursos para huma acçaõ, que com toda a probabilidade se offerece favoravel (ainda quando por incidentes irremediaveis a acçaõ venha a ser desfavoravel) assim tambem será sempre digno dos mais severos castigos aquelle Chefe, que destituido dos meios para intentar hum ataque (ao parecer dos prudentes desatinado) cahio no erro de o realizar (ainda que por accidentes imprevistos lhe resulte huma completa victoria). O homem valente mede as suas forças com as do seu contrario, e só na igualdade de recursos, ou na combinaçaõ das vantagens he que se resolve abatello; mas o homem louco accommette sem forças, sem combinações, e sem juizo. Seraõ sempre louvados, e dignos de veneraçaõ aquelles honrados Patriotas, que a favor do seu legitimo

Rei, e da sua Naçaõ, arvoráraõ o primeiro facho da santa insurreiçaõ, com tanto que elles o tenhaõ sabido fazer com opportunidade, e discernimento verdadeiro, e patriotico; axioma este, que, sahindo da boca do General Leite, nao foi capaz de conter os amotinadores.

§. 11.

Este pequeno Mappa Historico, a que nos propozemos, será organicamente disposto em sete Capitulos, que conservando entre si hum nexo methodico, iraõ produzindo cada hum seus artigos homogeneos, pela ordem seguinte:

Capitulo 1.° das Origens.
Capitulo 2.° das Disposições.
Capitulo 3.° do Ataque, e Defensa.
Capitulo 4.° do Assalto.
Capitulo 5.° do Saque.
Capitulo 6.° do comportamento do Inimigo.
Capitulo 7.° dos Benemeritos da Patria, que deraõ o sangue por ella.

§. 12.

Distribuidas por este modo as linhas do presente Mappa, procuraremos (quanto nos for possivel) conservar a dignidade de hum assumpto por si mesmo taõ serio, e taõ ponderoso; mas como raras vezes nos acontecimentos (ainda os mais calamitosos) deixaõ de apparecer extravagancias inesperadas, tomaremos por encargo o referir algumas, que em momentos de tanto apuro podem auxiliar os espiritos succumbidos, e aterrados. De proposito, e com muita reflexaõ occultaremos os nomes das pessoas naquelles factos, em que ellas se houveraõ reprehensivel, e indignamente; naõ deixaremos porém de narrar os successos com pureza, e verdade, (ainda que indirectamente se possaõ conhecer os nomes, que por caridade naõ escrevemos) quem voluntaria, e livremente commette erros públicos, que na sua maõ estava deixar de commettêllos, perdeo por isso o direito, que naquella parte tinha á sua reputaçaõ; mas o homem malvado, convencido de atrocidades, e crimes, pelos quaes he des-

tinado ao patibulo, naõ deve com tudo ser privado dos importantes officios da Humanidade. Nem amor, nem odio dominaõ nosso animo a favor ou contra as pessoas que figuráraõ em taõ desastrosa scena; mas ainda hoje naõ podemos deixar de irritar-nos, quando nos recordamos de taõ lastimaveis desgraças, a que deo causa a falta de tino, a ignorancia, e a cobardia dos que louca, e imprudentemente sacrificáraõ huma Cidade inteira aos desvarios de sua indiscreta presumpçaõ, compromettendo a honra, e a vida de hum General, que conhecia o erro, mas naõ podia impugnallo.

§. 13.

Nenhum resentimento contra elles já agora restaria, se elles tivessem experimentado alguma parte dos infinitos, e incalculaveis males, que motiváraõ; porém para sua eterna confusaõ, quasi todos fugiraõ, e quasi nenhum se interessou pela infeliz Cidade nas suas agonias, deixando-a nadar em sangue, com viva dor do honrado General, cujos prognosticos se realizáraõ pela loucura da chamada Regencia Eborense.

§. 14.

Tudo quanto nestes seis Capitulos vai escrito, tudo he certissimo, e nada padece a menor dúvida, nem teriamos o menor escrupulo de o asseverar até com juramento, se necessario fosse. Tal he a certeza, com que escrevemos. Tornamos a protestar, que tudo, quanto vai escrito, tudo vimos, e tudo presenceámos, e que nem mesmo deixavamos de penetrar as occultas sessões da Quinta do Sande, e as desvairadas manobras da mal aventurada Regencia de Evora, que sacrificou o General, e a Cidade inteira apezar de alguns dos Regentes discretos, mas estes eraõ menos do que os temerarios.

§. 15.

Naõ era possivel abranger na curta orbita de hum Mappa os elogios de que se fizeraõ dignos infinitos Patriotas Eborenses, nem mesmo daquelles, que extraordi-

nariamente se elevárañ a hum gráo mais sublime; e se dos Desembargadores Prior de S. Pedro, Manoel Simões da Rosa Moreira, e Fernando da Silva Telles Galvaõ alguma cousa dissemos particularmente, foi em razaõ do nexo, e da essencial influencia, que tinhaõ com a indole da obra os acontecimentos do primeiro, de que nós fomos ocular testemunha, e os heroicos sentimentos do segundo, e terceiro, que merecem recommendavel memoria.

§. 16.

O Excellentissimo Arcebispo, e o Tenente General Francisco de Paula Leite, pelos embaraços politicos, que vencêraõ no desenvolvimento da Revoluçaõ, pela prudencia, com que se houveraõ, desde que ella se fez popular, e pelas agudissimas magoas, que soffreraõ ao presencearem suas finaes consequencias, mereciaõ hum elogio superior a todos os elogios. O Doutor José Francisco Fernandes Corrêa, pelo acerto, e discriçaõ, com que cumprio tudo quanto a Cidade lhe encarregava, e pela distincta fidelidade, com que conservou a honra de sua pessoa, e à dignidade de seu Ministerio, he na verdade digno de todos os louvores; assim como, de muito boa vontade os dariamos aos Illustres Ecclesiasticos, e Seculares, que violentados por Loison, e com a espada na garganta, tiveraõ a seu cargo o governarem a Cidade nas mortaes agonias do seu catastrofe; e o fizeraõ taõ dignamente, que nunca Evora será nimiamente prodiga em lhes agradecer tantas fadigas, e tantos sacrificios pelo seu salvamento. E quanto he agradavel aos olhos de Deos a piedade admiravel daquelles honradissimos Ecclesiasticos, que tomáraõ a seu cargo andar pelas ruas, e pelas praças sepultando os mortos, sem temerem os horrores do saque, e da carniçaria!! Seus nomes devem ser escritos nas Portas da Jerusalem Santa.

§. 17.

Honrados Chefes Commandantes das Ordenanças, vós fizestes quanto se deve esperar de Portuguezes illustres; naõ vos poupastes aos trabalhos, e aos perigos; e os vossos subditos, sem armas, sem disciplina regular,

e sem recursos, souberaõ morrer valentes, sem voltar costas ao Inimigo, nos postos, em que tinhaõ sido collocados.

CAPITULO I.

Das Origens.

§. 1.

EVora Capital, e Metropole da Provincia de Além-Téjo, que segundo a graduaçaõ politica, e corografica mais exacta, occupa o terceiro lugar das mais célebres Cidades de Portugal; Evora, cuja lealdade, desde os seculos mais remotos, tem sido geralmente qualificada em gráo heroico nos Fastos dos Sertorios, dos Viriatos, dos Geraldos, dos Affonsos, e de Joaõ IV., padecia, assim como a Capital do Reino, e as mais Cidades, as vexações, os rigores, as insolencias, e as deshumanidades do jugo Francez, mas obediente ás vozes paternaes, e saudaveis, com que o Principe Regente nosso Senhor se havia despedido dos seus fiéis Vassallos, e seguindo discretamente o exemplo da Capital da Naçaõ, supportava males incessantes, que naõ podia evitar; via-se desarmada, opprimida de extorsões, occupada por tropas ferozes, e ameaçadoras, e na sua desgraça nenhum recurso se lhe offerecia, senaõ a esperança nos futuros tempos, bem como o seu Augusto lhe havia promettido.

§. 2.

As vergonhosas falsidades do intruso Governo Francez, praticadas contra o exercito Hespanhol ás ordens do arrogante Marquez de Solano, o tinhaõ sacudido além das raias de Portugal: justo castigo dos Ceos irados contra a ambiçaõ: e Kelerman, entaõ General violento, e insaciavel, occupava com suas tropas a Provincia de Além-Téjo, tendo deixado o Quartel de Setubal para occupar o de Elvas, mais apto pelo seu local á execuçaõ de suas terriveis combinações.

§. 3.

Em quanto o façanhoso Solano taõ ignominiosamente com seu exercito soffria huma vergonhosa expulsaõ de hum Territorio, que já nos seus papeis Diplomaticos intitulava — conquista de Carlos IV., e Reino de Godoy — outra igual perfidia se praticava em Lisboa, desarmando-se ardilosa e vilmente nas Praças da Corte o exercito Hespanhol ás ordens do General Caráffa.

§. 4.

Nestes dois acontecimentos assás extraordinarios e decisivos, he que deve fixar-se a época memoravel da gloriosa Revoluçaõ Portugueza, e Hespanhola. Foi entaõ que a Extremadura Baixa, erigindo em Badajoz huma Regencia, e dispondo-se a repellir a dominaçaõ Franceza, lançou maõ de todos os possiveis recursos, e introduzio iguaes sentimentos, tanto nos póvos seus nacionaes, como nos de Além-Téjo, e talvez do Algarve.

§. 5.

Villa Viçosa, Praça por todos os lados rota, e pela sua localidade visivelmente exposta, achava-se (bem como todas as circumvisinhas) sem tropas, sem armas, e sem apoios, e era, além disso, dominada pelos inimigos, que occupavaõ Elvas, e Extremoz com forças consideraveis; naõ faltavaõ porém nella alguns daquelles homens, cujo genio se naõ descobre, em quanto naõ ha occasiaõ de públicos transtornos, e que naõ receiaõ sacrificar hum povo inteiro, se tanto convém a seus temerarios intentos. Dois destes foraõ bastantes para alçar a voz de — viva o Principe Regente Nosso Senhor, e morra quem duvidar morrer por elle — para todos se pôrem em desatinada agitaçaõ.

§. 6.

Muito por acaso se achava entaõ em Villa Viçosa o Tenente General Francisco de Paula Leite, que por

suas discretas combinações vagava sem domicilio certo; em ordem a naõ arriscar nem sua pessoa, nem seu caracter ás insolencias, e despotismo do intoleravel General Kellerman. Pretendeo o prudente Francisco de Paula Leite aquietar a terrivel, e despropositada agitaçaõ, cujos effeitos naõ podiaõ deixar de ser funestissimos. Suas reflexões discretas foraõ desattendidas por aquelles dois precipitados homens, que até chegáraõ a dizer-lhe ameaças, e desattenções.

§. 7.

Naõ he justo ensanguentar a Historia de Evora com a tristissima desgraça de Villa Viçosa, que bem cara lhe custou a facilidade de deixar-se illudir por suas cabeças, cujas leviandades lhe naõ eraõ occultas; e que passando depois a coadjuvar novas temeridades, igualmente infelizes, e desastrosas aos habitantes de Evora, tiveraõ valor para fugir na occasiaõ dos assaltos, e animo para se inculcarem benemeritos da Patria.

§. 8.

Vivamente penetrado até ao coraçaõ o Tenente General Francisco de Paula Leite pelas desgraças de Villa Viçosa, que naõ lhe tinha sido possivel acautelar, passou, quasi insensivelmente, a viver como desconhecido na Quinta do Sande extramuros da Cidade de Evora; mas nem suas esquivanças politicas, nem sua indole desaffectada foraõ sufficientes a subtrahi-lo a novos desgostos, para os quaes o naõ perdiaõ de vista homens desassisados e turbulentos.

§. 9.

Beja, aquella Cidade sem fundamentos altiva, que foi o foco da sua, e das alheias calamidades, tinha poucos dias antes pagado com correntes de sangue, e nuvens de fumo, o desvariado orgulho do seu desatino. Dois homens, cada hum na sua classe mais abundante de vaidade do que de prestimo, cada hum, naõ sei se com vistas do seu particular interesse, elevaraõ o povo a hum furor tumultuoso, de que se seguio a cruel morte de dois Magistrados tyrannamente apunhalados, e hu-

ma louca defeza do povo, em que morriaõ como moscas, em quanto elles se pozeraõ a salvo antes de começar o combate.

§. 10.

Passados alguns dias, depois de haver-se o inimigo retirado de Beja, carregado de riquezas, e farto de abominações, e crueldades, tornáraõ a apparecer os dois individuos, dando por desculpa causal da sua ausencia, o terem hido, hum a Badajoz, e outro a Sevilha, pedir soccorros; e como o inimigo se havia para longe retirado, naõ lhes foi difficultoso fazer uso da indole de hum povo desorientado, e crear a seu geito huma Regencia, que será sempre assombrosa nos futuros seculos.

§. 11.

Eis-aqui outra época menos remota do terrivel Catastrofe de Evora, que por isso, bem como o de Villa Viçosa, tiveraõ resumido lugar nesta sincera, verdadeira, e systematica Historia.

§. 12.

A Regencia de Beja, ainda que desatinada, e céga, via muito bem quanto a sua duraçaõ seria precaria, e impossivel, se Evora, a seu exemplo, naõ tomasse igual resoluçaõ, para vir depois a experimentar primeira, ou os furores do insolente Kellerman, que com suas tropas opprimia Elvas, e as Praças adjacentes, ou as raivas solapadas do nefando Junot, que lhe naõ escapavaõ os acontecimentos de Além-Téjo. He por isso que Beja maquinava sinistramente por Sevilha, e Badajoz, para que as destrezas destas duas Regencias agitassem a Cidade de Evora, e a resolvessem a tomar armas contra o tyranno, e insoffrivel governo Francez.

§. 13.

Badajoz e Sevilha conheciaõ quanto convinha a seus gloriosos intentos, que Portugal deprimisse, e abatesse a dominaçaõ Franceza, e que só com esta importante

diversaõ poderiaõ effectivamente realizar-se suas altas e brilhantes emprezas. Eraõ por isso mui frequentes as instancias, as alliciações, as promessas, e até mesmo as ameaças, que aquellas duas Regencias dirigiaõ á Cidade de Evora, sem se esquecerem, nem mesmo do estimulante de prometter Patente de Capitaõ General ao honrado Francisco de Paula Leite, que por effeitos de bom e fiel Vassallo tinha vindo despachado, ainda pelo nosso Augusto Principe Regente, para o Governo da Praça de Elvas, e Provincia de Além-Téjo, e naõ era da raça de ser alliciado com promessas.

§. 14.

Entre o Tenente General Francisco de Paula Leite, e dois, ou tres individuos da Cidade de Evora, se conservava secretamente o manejo das Regencias de Sevilha, e de Badajoz, sem que a Cidade o penetrasse, mas estes mesmos, que tiveraõ sufficiente destreza para empatarem com sólidos e verdadeiros fundamentos de huma constante e absoluta impossibilidade actual as deprecações, e instancias daquellas duas Regencias, viraõ-se finalmente exhaustos de palliações para repellirem as amplissimas promessas, e até as impoliticas ameaças, que se lhes dirigiaõ.

§. 15.

Cada dia maior corpo as cousas tomavaõ, e já naõ era possivel deixar de communicar-se o segredo, para se lançarem as sementes, que deviaõ produzir a santa, mas desatinada insurreiçaõ. Resolveo-se por tanto nas privadas sessões da Quinta do Sande, que se entregassem ao Governo Politico da Cidade todas as proposições, instancias, promessas, e ameaças das duas Regencias de Badajoz, e Sevilha, para que este officialmente as commettesse ao parecer da Camara. Era o Desembargador José Paulo de Carvalho, Corregedor de Evora, hum dos que assistiaõ ás reconditas sessões da Quinta do Sande. Elle tinha o Governo Politico da Cidade, e elle foi quem commetteo officialmente ao Corpo da Camara aquella arriscada deliberaçaõ.

§. 16.

O systema methodico, que nesta Historia pretendemos seguir, nos obriga a cortarmos neste lugar o fio para ingerirmos hum facto assás extraordinario.

§. 17.

O Juiz de Fóra José Antonio de Leaõ, que nunca se poupou a trabalhos, e que teve valor de manter a sua Jurisdicçaõ contra infinitos ataques provenientes ou do General Kellerman, ou do Chefe dos Dragões Francezes, que guarneciaõ Evora, mas que, seguindo o exemplo da Corte, sabia levar as cousas mais pelas rédeas, do que pelas espóras, nenhuma introducçaõ tinha nas sessões reconditas, as quaes se lhe occultavaõ, talvez por parecer que elle se negasse a taõ arriscada, e desastrosa empreza. O Desembargador José Paulo, que tinha disfarçado respeito aos relevantes talentos, e esperteza do Juiz de Fóra, e a Camara, que naquelle tempo se disputava com elle sobre a presidencia nas sessões senatorias, tinhaõ apaixonados, que por isso mesmo deviaõ ser menos affeiçoados ao Doutor Juiz de Fóra; e como o predominio das paixões costuma sempre adoptar todos os meios, sem poupar os da calumnia, para delles tirar qualquer vantagem, fizeraõ levantar, entre a infima plebe, hum boato solapado, de que o Doutor Juiz de Fóra amava o Governo Francez, e que por isso tinha mandado lançar nos lagos da Cerca da Cartuxa os barrís de polvora depositados na Quinta de Valbom.

§. 18.

Este extratagetico boato tal impressaõ fez no baixo povo, que sem muita demora appareceo affixado hum papel no Cunhal da Porta de Moura, que dizia assim — O Juiz de Fóra he Francez — Morra o Juiz de Fóra. — Muitas pessoas viraõ este terrivel papel, alguns quizeraõ arrancallo, mas eraõ ameaçadas por hum lacaio, que o vigiava.

§. 19.

Nessa mesma noite foi a casa do Doutor Juiz de Fóra acossada, e elle na manhã do dia seguinte, por salvar a vida, desamparou o lugar. O facto da polvorà tinha sido verdadeiro; mas que teria sido a esse tempo da Cidade, se o Doutor Juiz de Fóra naõ tivesse cumprido a ordem, que para isso se lhe intimou? Os habitantes de Evora estavaõ entaõ desarmados. E de que lhe servia a polvora, naõ tendo armas? Ou como poderia entaõ evitar-se hum saque, estando a Cidade em poder de Dragões Francezes, que todos os dias procuravaõ pretextos para saquealla?

§. 20.

Outro facto mais proximo a este tinha já posto a Cidade de Evora em evidentissimo perigo, e foi causa, naõ muito remóta, do seu deslumbramento, que cada dia mais e mais se adiantava. Os Francezes, que no meado do mez de Junho tinhaõ perpetrado na Cidade de Beja tantas ruinas, mortes, impiedades, devastações, e saque, tendo chegado á Villa da Cuba, fizeraõ conduzir para Evora os seus feridos, com aviso para ahi se prepararem quarteis, e munições para a sua tropa.

§. 21.

O Doutor José Paulo de Carvalho, a quem se havia intimado esta ordem, vendo que a Cidade estava já entaõ terrivelmente abalada, e que naõ era sem razaõ o terror, e medo de que viessem fazer o mesmo em Evora, que haviaõ feito em Beja, conhecendo que se máo era dar-lhes quartel, peior seria negar-lho, e naõ querendo comprometter-se com os furores do povo, e menos com as tyrannas raivas do inimigo, declinou para a resoluçaõ da Camara, e em virtude de hum Acordaõ desta se enviou a dizer ao Chefe Francez que — Evora estava prompta a receber, e municiar as tropas do seu commando, mas que seria muito acertado, e muito prudente aquartelarem-se fóra da Cidade, visto que o povo indiscreto temia grandemente algum desastre seme-

lhante ao de Beja, e que naõ era possivel dissipar-lhe esta desconfiança.

§. 22.

Esta resposta sincera, que convinha a qualquer General, que naõ fosse Francez, servio de pretexto para huma iniqua maquinaçaõ, porque lançando maõ o inimigo astuto desta indifferente occurrencia, representou ao General Kellerman, residente em Elvas, que a Cidade de Evora tramava revoltar-se, como se manifestava da resposta da Camara, que punha na sua presença.

§. 23.

Sobresaltado com esta participaçaõ, e enfurecido o General Kellerman, ordenou ao Chefe, que com as suas tropas entrasse em Evora, e vingasse qualquer desobediencia, que nella achasse; o que lhe seria facil praticar, visto que a Cidade estava destituida de gente, de armas, e de recursos; e que para maior segurança lhe enviava hum consideravel reforço. Assim o praticou o intrigante Chefe Francez, pois sem acreditar os protestos, que em nome da Cidade se lhe foraõ fazer de obediencia, e sujeiçaõ, elle entrou com artilheria carregada, murrões accezos, e disposições de saque. E tendo mandado carregar os canhões já dentro da Cidade, e ficar a tropa em armas nas praças e nas estradas, ordenou que de prompto se lhe apresentassem munições e refrescos para os seus Soldados, e huma contribuiçaõ de muitos mil cruzados, dentro de quatro horas, findas as quaes passaria a hum saque geral, se o naõ contentassem a elle, e á sua tropa. He inexplicavel o terror, e o susto, com que os Magistrados começáraõ logo a encher os Soldados de abundante paõ, carne, arroz, vinho, e agoa-ardente, e com que apromptáraõ a pezadissima somma de mil cruzados, que aquelle cruel, e aladroado Chefe embolçou, cheio de arrogancia, e furor no seu quartel, que se lhe havia destinado em casa do Deaõ da Sé Metropolitana.

§. 24.

Ao amanhecer do dia seguinte ordenou que a Ci-

dade lhe municiasse a sua tropa com sobresalente para quatro dias; e isto no termo perempteorio de duas horas, e com a mesma terrivel comminaçaõ de saque. Foi entaõ que doze homens nobres, e bons da Cidade andáraõ pelas ruas, e pelas portas, assim dos moradores como dos Conventos, pedindo todo o paõ, que houvesse, para se despedir aquella infernal soldadesca. Tudo se aprompteou, e pelas dez horas se poz em marcha, deixando á Cidade cheia de terror, e de indignaçaõ.

§. 25.

As cousas se encadeavaõ de hum modo tal, que quando parecia ter-se vencido huma difficuldade, entaõ se originava outra maior. O evidentissimo e iniquo facto, que acabamos de referir, e que alguns calumniadores quizeraõ falsa, e atraiçoadamente attribuir ao Doutor Juiz de Fóra José Antonio de Leaõ, sem elle de tal saber, nem ter sido ouvido nas antecedencias, que (como fica dito) a elle deraõ causa: este facto, diziamos, poz a Cidade em temor, de que outro mais funesto lhe podéria acontecer, e deste temor nascia huma entranhavel ancia de sacudir o mortal jugo Francez.

§. 26.

Aos que até áquelle dia tratavaõ em privadas sessões de realizar a grande empreza da Restauraçaõ de Evora, agitada, e promovida taõ destra, e efficazmente pelas Regencias de Sevilha, e Badajoz, de Beja, e de Villa Viçosa (como já dissemos), pareceo que deviaõ aproveitar-se momentos, e circumstancias de tanta opportunidade. Correo-se entaõ o véo da scena, e desde aquelles dias cessáraõ as occultas conferencias, que ficáraõ a cargo da Camara, dos Comicios, e dos Magistrados, José Paulo de Carvalho, e José Francisco Fernandes Corrêa, que occupavaõ as Varas, este do Civel, e Crime, e aquelle da Correiçaõ, tendo á testa as respeitaveis pessoas do Arcebispo Metropolitano, e do Tenente General Francisco de Paula Leite. Nesta época deve fixar-se a mal succedida, e calamitosa Restauraçaõ de Evora, para a qual se adoptáraõ as seguintes precipitadas, e confusas disposições.

CAPITULO II.

Das Disposições.

§. 27.

EM hum Acto de Camara convocado pelo Corregedor José Paulo de Carvalho, apresentou este Ministro as Cartas das duas Regencias Hespanholas, e ahi mesmo relatou por extensaõ todo o manejo, que atè áquelle dia se tinha conferenciado na Quinta do Sande em sessões privadas. Expoz vivamente tudo quanto de bem, e de mal devia temer-se ao seguir, ou rejeitar taõ delicada empreza, e concluio dizendo: que a deliberaçaõ devia ser estudada em huma materia taõ ardua, e de tanta importancia; que em circumstancias taõ escabrosas devia procurar-se o conselho, e a direcçaõ do Tenente General Francisco de Paula Leite, e do Arcebispo Metropolitano; e que os Estados Ecclesiastico, Nobreza, e Povo deviaõ ser consultados, naõ só para se encontrar com segurança o acerto, mas até para se evitar qualquer descontentamento, que podesse motivar tumulto, e desordem.

§. 28.

Este premeditado Discurso naõ podia deixar de ter huma plenissima approvaçaõ dos Vereadores de Evora, cuja condescendencia he sempre segura em objectos, que demandaõ sciencia, e discernimento. Convocáraõ-se para o seguinte dia os Representantes dos Tres Estados; mas a verdade nos manda dizer que a convocaçaõ foi taõ precipitada, ou taõ defeituosa, que nenhum dos Estados foi nem legitima nem sufficientemente representado. Nas pessoas do Arcebispo, e de dois Conegos, com o Provisor, e hum, ou dois Parochos, e com assistencia pessoal de alguns Prelados Regulares, se julgou representado o Clero de huma Metropole, composta de differentes, e volumosas Jerarquias. O da Nobreza compoz-se sómente daquelles, que costumaõ andar na curtissima orbita dos Vereadores. O do Povo limitou-se a dois Procuradores, e dois Mesteres, Pedreiros, e Carpinteiros,

bons homens para artigos puramente domesticos, mas nunca para discussões Politicas; e a estas tres Classes representantes se juntou huma Militar, e outra Urbana ambas adjacentes aos Tres Estados, a primeira composta do Tenente General Francisco de Paula Leite, do Sargento Mór das Ordenanças, e de outro de Cavallaria sem uso, e de hum Coronel de Milicias, que já tinha sido Cadete: a segunda era composta de dois, ou tres Letrados, sendo hum delles o Doutor José Alexandre de Almeida Velozo de Gouvea, o qual sendo talvez o unico, que se resolveo a demonstrar as impossibilidades, e os inevitaveis perigos de taõ arriscada empreza, ficou por isso mal olhado, e tido ao depois como afrancezado pela Regencia, que tumultuosa, e temerariamente se levantou do nada, per si mesma, com arrogações de Magestade, e procedimentos de Soberania.

§. 29.

A' excepçaõ do referido Doutor José Alexandre de Almeida, nenhum outro teve tanto valor para orar com aquella franqueza, e vivacidade, que hum tal objecto requeria, ou por ser elle o que melhor penetrou os resultados, que ao depois se observáraõ, ou porque os outros naõ quizeraõ expôr-se a que alguem os abocanhasse de menos Patriotas. Resolveo-se por tanto que se enviasse logo hum Deputado á Junta de Badajoz a participar que Evora acclamava de prompto o seu Augusto Principe Regente; que formava hum Corpo de Regencia; que se preparava para repellir as forças, e os ataques do Inimigo; e que em taes apertos lhe mandasse (quanto antes) os promettidos, exercito, armas, e munições de Guerra para defender-se, no que naõ devia mediar a mais pequena demora, pois que nella perigava a Saude, e o Bem commum.

§. 30.

Com effeito, sem outras participações, senaõ aquella para Badajoz, e sem outra alguma solemnidade, nem fórma legitima, se arvorou na Varanda da Camara hum Retrato de Sua Alteza Real o Principe Regente nosso Senhor, pelas nove horas da noite entre algumas luzes,

e os antiquissimos tafetás, e barambazes, que costumaõ andar appensos ás paredes da Camara de Evora. He impossivel explicar os transportes de alegria, que o povo espectador publicou, ao ver o Retrato do seu adorado Principe. Os gritos de acclamaçaõ — Viva o Principe Regente nosso Senhor — e as lagrimas de ternura, e de saudade chegavaõ desde o fundo da habitaçaõ dos mortos, até além do terceiro Ceo, e este dia deve ser memoravel nos futuros seculos.

§. 31.

Concluido, como dito he, este primeiro acto pelas nove horas da noite, passáraõ as Figuras, que nelle representíraõ, ao Palacio Archiepiscopal, aonde tiveraõ huma nocturna sessaõ, cujo assumpto ainda hoje he ignorado até das pessoas, que nella figuráraõ; mas temos bem fundadas razões para pensar que alli foi, que se instituio, e por si mesma se creou a chamada Regencia de Evora, da qual até aquelle momento naõ havia nem a mais pequena sombra. O certo he, que na manhã do dia seguinte appareceo na Santa Igreja Cathedral hum arbitrario, e irregular numero de Figurões, extrahido — ad libitum — desde a primeira até á infima Jerarquia; e ahi — inter Missarum solemnia — prestáraõ o juramento — que hoje vemos na nova Constituiçaõ Hespanhola; privativo para os Reis — legitime intrantes. — Para que estes tragicos Regentes (— aliunde — bons homens) naõ padeçaõ pelo dos seus proprios factos, aliàs praticados em boa fé, occultaremos seus nomes, e os deixaremos entregues aos indeleveis remorsos de suas consciencias; naõ occultaremos porém algum, que com o proprio sangue rubricou o seu exaltado e nobre patriotismo.

§. 32.

Prestado o Regio Juramento, com espadas desembainhadas, á face dos Sagrados Altares, e na Augustissima Presença Real de JESU-Christo Sacramentado, de bem governar, e de dar o sangue pela defeza da Patria, e do Principe, (quando me lembra a valentia de Pedro — et si oportuerit me mori tecum — naõ me esquece a fra-

queza — non novi illum) ita similiter — Passou a Regencia a pôr em pratica hum desenvolvimento de poderes Soberanos, e Magestaticos, principiando pela arrogaçaõ do Titulo de Alteza, com que, até do Pulpito, era tratada estando ella na Real Tribuna da Santa Igreja Cathedral, a sistindo a huma funcçaõ d'acçaõ de Graças, que ella mesma havia decretado pela sua exaltaçaõ, e pelo boato, que entaõ mesmo fez correr hum D. Frederico Moretti, de quem adiante faremos mençaõ — de que a Russia havia declarado guerra á França. — Já a este tempo alguns dos Serenos Regentes olhavaõ como desacerto ou como humiliaçaõ de Sua Altura, o terem-se assentado no dia do Juramento no Banco da Corte, que está na Capella Mór da Santa Sé, por baixo da Tribuna Real, no qual naõ he licito tomar assento, senaõ os Grandes Titulos que constituem acto de Corte em presença de El-Rei; ainda que em nossos dias tenhamos visto assentados nelle alguns Semi-Grandes arrojados pela maré, ou da indiscriçaõ, ou da soberba vaidade.

§. 33.

De bom grado celebrariamos hoje, como galanteios de huma farça, estes transtornos da razaõ excandecida, se a elles naõ andassem annexas tantas mortes, tanto sangue, tantos roubos, tantos sacrilegios, tantas violaçóes, tantas viuvas, tantos orfãos, e tantas abominaçóes, com que, dentro em sete dias, finalizáraõ tantas, e tamanhas Alturas. Para que a Magestade naõ padecesse minudencias, creou a Regencia de Evora quatro Jovens Camaristas do Seu Pessoal Serviço, e este Titular Exercicio foi conferido aos que se julgou terem mais proximo accesso a Sua Altura Serena; estes eraõ os que na salla dos Tudescos recebiaõ, e apresentavaõ ao Throno os papeis, e os pretendentes. Estas, e outras, que hiremos vendo, saõ as extravagancias, e anecdotas, com que na introducçaõ desta obra promettemos adoçar as amarguras della: e naõ deve ficar em silencio o enthusiasmo de certo Regente, que vendo-se engrandecido com a veneravel qualidade de — Alto, e Sereno — condecorou sua mulher com huma excellencia, e levantou a banca do officio, com que se sustentava. Omittiremos de proposito

a celebreira de hum — chamado sermaõ — recitado á face dos Altos, e Serenos Regentes, porque naõ he justo recordar as indignidades commettidas na Cadeira da verdade, e menos justo he declarar o seu author.

§. 34.

Passemos a mencionar disposições mais excelsas. A Soberania, e a Magestade naó deviaó occupar-se em execuções applicaveis aos Tribunaes Subalternos — Fiat lux — (disse Deos) — et facta est lux. Faça-se o Tribunal da Relaçaõ, disse a Alta, e Serena Regencia, e foi logo feita de alguns Ministros, que já sem uso se achavaõ na Provincia, e foraõ avocados para o seu brilhante emprego. Faça-se o Conselho da Fazenda, e no mesmo instante foraõ instalados neste Tribunal seis, ou sete bons homens, costumados a manuzear muitos dinheiros. O curto espaço de sete dias (que tantos teve de existencia a Serena Regencia) naõ deixou crear a Meza do Desembargo do Paço, a Moeda, e a Forca; mas he certissimo que se tratava destes sublimes artigos; e nós o ouviamos a huma das mais authorizadas cabeças do Parlamento Alto. A Meza da Consciencia, e o Conselho de Guerra teriaõ igualmente existido, assim como do Cháos se desenvolveo a Inconfidencia, que teria extinguido a raça humana, senaõ morresse taõ cedo. Este ramo de alto, e absoluto poder teve hum uso taõ amplo, que até o illustre Pombal pasmaria se o tivesse conhecido. Bastava que alguns dos Serenos Regentes, ou dos seus Partidarios dissesse — Parece-me que o Pai de Santo Antonio he Francez — no mesmo tempo era trasladado para os carceres secretos do Santo Officio, aonde ninguem lhe podia ministrar huma taça de agoa, ou huma metade de hum paõ — Dicant Paduani. — Ouçaõ-se os guardas dos carceres, e diraõ elles cousas, que nem os olhos, nem os ouvidos, nem a razaõ jámais poderaõ ver, ouvir, ou comprehender. Arrancar hum homem honrado do centro da sua casa, aliàs opulenta, e endinheirada, metello no fundo de huma masmorra, privallo de tudo quanto ha creado, hir-lhe baldear a casa, as arcas, e os papeis, isso passava como huma prudente medida de precauçaõ, e pouco importava que houvesse, ou deixasse de haver

factos, ou indicios legitimos, para desacreditar hum homem, opprimillo, e vexallo. O' tu, Luiz Monteiro, que lá te achas agora na Corte de Londres com aquella estimaçaõ, de que he digno hum homem, que (além de seres optimamente educado, e de possuires os cabedaes de hum dos mais opulentos Negociantes de Lisboa) és no teu pessoal hum homem benemerito, naõ publiques os trabalhos medonhos, e insupportaveis, que a Regencia de Evora te maquinou, quando, por fugires de Lisboa ás vexações do nefando Junot, vieste acolher-te na Villa de Estremoz, e ahi foste agarrado pelos malsins de Evora, sem outra culpa mais do que estares na loja de Crespo, hoje Commissario de munições do Exercito Inglez, o qual comtigo, ou tu com elle, vieraõ experimentar o que só tu poderias bem referir. E tu, Desembargador.... que occupas huma vasta Magistratura, agradece á tua esperteza o teres-te anticipado duas horas aos laços, que se armáraõ para pilhar-te. Feliz fugida! Medonhos dias!

§. 35.

Entretanto que no geral da Regencia Eborense se davaõ as internas disposições, que temos visto, naõ se omittiaõ por isso outras nos Departamentos Economicos, no Militar, e no das Finanças; o primeiro se naõ extendeo a mais do que constituir hum Deposito de munições de boca para as Tropas Urbanas, que ainda naõ havia; para as Provincianas, que, ou naõ existiaõ, ou naõ tinhaõ fórma, nem ordem, nem corpos; e para exercitos auxiliares Hespanhoes, que se esperavaõ, e que ainda estavaõ no ovo. Destináraõ-se aquartelamentos, tiraraõ-se a todos os habitantes camas, e trastes, que nunca mais tornáraõ a ver, trigos, cevadas, cavallos, e armas em grande número, e naõ se perdoou ás grandes gadarias, que tudo foi arrebanhado, como adiante se hirá vendo. O Departamento Militar passou as ordens, que julgou necessarias para se formar de novo o extincto Regimento de cavallaria, e outros corpos avulsos de Caçadores de montanha, de Milicias, que naõ havia, de Somatenes, ou Ordenanças, que faziaõ o serviço da Praça, mal sabendo qual era a direita, ou a esquerda, e de Bandoleiros, que foraõ avocados de todas as matilhas

de Bandidos, Nacionaes, e Hespanhoes, promettendo-se-lhes grandes soldos, e a terça parte de tudo quanto pilhassem — toto orbe terrarum — para o que se lhes concedeo indulgencia plenaria; e na verdade he indizivel a velocidade, com que da Hespanha, e das raias de Portugal viéraõ infinitos pelotões de Bandoleiros, dos quaes instantaneamente se formáraõ dois volumosos, hum ás ordens do famoso Domingos Raton, eminentissimo escoxador de bestas de toda a raça, e de gados de toda á especie; outro ao governo do bem conhecido Antonio Caeiro Rabaço, consummado Védor de cabanas, malhadas, estradas, e veredas. As campinas de Evora, dentro em tres dias, estavaõ atulhadas de bois, vaccas, carneiros, cabras, ovelhas, cargas, e carretadas de trigo, de cevada, senteio, e de todas as especies, com que Deos enriqueceo a face da terra; mas as estradas, as lavouras, os montes, e os casaes ficavaõ exactissimamente saqueados.

§. 36.

Nunca foi possivel formar-se da cavallaria extincta senaõ hum esfrangalhado Esquadraõ de cavadores de enxada, de cabreiros, de creados de servir, e de ociosos, que naõ sabiaõ nem atar a espada, nem arreiar os cavallos: seu uniforme era (como o do Arco Iris) composto de mil cores — ad libitum — suas armas eraõ algumas solapadas, que a Regencia mandou (com pena de morte) tirar aos habitantes, e se lhes andáraõ pedindo de porta em porta, de rua em rua: as que naõ estavaõ quebradas, estavaõ cobertas de ferrugem por terem estado até áquella hora escondidas, ou no fundo dos póços, ou nas entranhas da terra, visto que era crime capital o ter qualquer especie de armas. A cavallaria, em que devia montar o magico Regimento, compunha-se de cavallos, egoas, e machos coixos, mancos, cégos, e aleijados, bons, máos, e pessimos, tirados a seus donos na Cidade, no Termo, nas Villas, nas Aldêas, nos montes, e nas estradas; naõ fallemos porém na Officialidade, que (ao entender dos prudentes) e na sua maior parte (excepto tres, ou quatro) era inteiramente a par dos soldados, cavallos, e armas. Do Regimento de Milicias nada tem a Historia que referir, porque elle nunca exis-

tio senaõ — in mente — Dos Caçadores de montanha nada ha que dizer, senaõ que tendo sahido (como os Apostolos) sem çapatos, e sem alforge a esperar o inimigo, voltáraõ puros, e immaculados, sem excepçaõ do seu Capitaõ, que na fuga quebrou a espingarda em huma rocha, e atreveo-se a dizer que huma bala do inimigo lha tinha quebrado nas mãos. Este homem acha-se hoje no seu estado — a quo — e devemos esperar que venha ainda a ser util á Patria, como dantes era na sua estimavel vida. Temos em casa dois creados, a quem tinhamos mandado sentar praça, e delles e de outros mais Officiaes, e soldados he que sabemos o que narramos, e que nós mesmos vimos.

§. 37.

O Departamento das Finanças representado no Conselho da Fazenda álhêa, tomou completamente suas medidas, porque contou com quanto dinheiro houvesse na Cidade, no Termo e na Provincia; e sem dúvida teria conseguido instituir em Evora hum Erario Transtagano, ficando os habitantes deste territorio reduzidos á classe de Religiosos Mendicantes da mais estreita observancia, se a morte naõ lhe viesse com os embargos, que — in limine — foraõ recebidos, e julgados provados. Ordenou Sua Alteza o Conselho da Fazenda Eborense, que todos os dinheiros existentes nos cofres dos Depositos Geraes, e Particulares, sem excepçaõ de Fazenda Real, Decimas, Sizas, Cabeções, Maneios, Portagens, Orfãos, Contribuições, Commendas, Heranças jacentes, e naõ jacentes, Demandas, e Pleitos, da Cidade, Termo, e Comarca, tudo fosse conduzido ao cofre geral da Junta da Fazenda de Evora; e, pelos mappas originaes, que vieraõ ultimamente parar em nosso poder, estamos vendo que os Depositos de Evora produziraõ quasi sessenta contos de réis, pelos quaes chamaõ seus proprios donos, e infinitos Orfãos, e Viuvas, que morrem de fome, e de miserias. Eis-aqui hum efficacissimo modo de formar Erarios, mas as fontes depois de exhauridas, já naõ podem matar a sede dos viventes, e o mar sem fontes he huma quimera.

§. 38.

Sem mais divagarmos em factos particulares, que de proposito naõ queremos individuar, passemos já a referir — em summa — as disposições exteriores, que fazem o objecto das grandes sessões. Como a Regencia de Evora se arrogava o titulo de Suprema, e a qualidade de Rainha, Mestra, e Mãi de todas as outras já creadas, e increadas, passou-lhes as ordens necessarias para que cada huma enviasse a Evora hum dos seus respectivos Deputados a residir junto de sua Altura Serenadissima. Villa Viçosa, obedientissima enviou hum dos seus Conegos: Estremoz, ao principio, pegou-se como as manhosas, mas resentida dos acicates, e receosa do chambrié prestou-se prazenteira. Portel he digna de especial commemoraçaõ por ter empregado na sua delegaçaõ hum Coronel effectivo de Milicias, que tendo deixado o seu Regimento em perfeito abandono, e sem fazer caso dos desastres, nem das preparações de Beja, Capital do seu mesmo Regimento, tendo-se refugiado na sua casa de Portel, acceitou ahi hum lugar de Deputado, e nessa qualidade passou a Evora como Delegado junto a Sua Altura Serenadissima. Beja porém, aquella orgulhosa Cidade, sem Sé, nem fé, sem fonte, nem ponte (esta he a geral, e vulgar qualificaçaõ de Beja ha mais de tres seculos): esta louca Cidade, a quem naõ causou horror o sangue de dois Ministros massacrados, e o de tantas familias passadas a ferro, violadas, e saqueadas: esta fanfarrona, que tendo urdido a sua desgraça na sua soberba, teve o descaramento de intrigar desde Sevilha até Lisboa, desde Badajoz até Evora, desde as Agoas do Algarve até ás do Rio Caya, e Guadiana: esta indiscreta Cidade, que foi o fóco das proprias, e das alheas fatalidades, e que ainda hoje obstinada, e cega está olhando, como prodigios de patriotismo, as suas temeridades, e a sua fraqueza, e até a criminosa altivez com que se fez surda, quando Portugal inteiro acclamou a feliz, e milagrosa Restauraçaõ do nosso legitimo, e justo Governo na Corte de Lisboa (como he fama): esta Cidade féra, e teimosa repugnou tenazmente reconhecer superioridade na Regencia de Evora; (nesta parte — tal he a

imparcialidade com que escrevemos — naõ lhe estranharemos o seu pundonor); e repellio as instancias de Evora com a gloria de ter sido ella a primeira em acclamar o Real Nome do Principe Regente nosso Senhor; porque neste heroico facto he que devia, pela sua antiguidade, dar-se a ella a primazia.

§. 39.

Accrescentava mais, que sendo nos annaes da antiga Historia Romana mais conspicuo, e mais eminente o Foro dos Pacenses, naõ devia agora Evora pretender a primazia pelo arbitrario e livre facto de ter sido elevada em Metropole pelo Santo Padre Paulo III., e pelo accidental motivo de ter alli o Tenente General Francisco de Paula Leite o seu Quartel General. Estes mesmos fundamentos, misturados com espuma de furor, e raiva, vomitou com incrivel, e arrogante soberba hum Deputado da Regencia de Beja, á face de sua Altura Serenissima Eborense, sem que nem as alliciações da politica, nem os afagos, nem as dexteridades fossem capazes de abrandallo; e neste acontecimento (prescindindo agora de outros mais remotos, e mais particulares) he que deve achar-se a causa de naõ ter Beja prestado a Evora o auxilio, que esta lhe deprecou reiteradas vezes por officios do Tenente-General Francisco de Paula Leite, nas antevesperas do terrivel assalto. Muito embora queira Beja encobrir seus procedimentos, asseverando naõ ter recebido taes officios, ou fingindo tellos recebido muito retardados, porque huma, e outra cousa se convence de falsa, tanto pelos recibos dados aos portadores daquelles officios, como pela ardilosa, e simulada marcha, que fingio em soccorro de Evora com a sua tal e qual cavallaria; que se tivesse vindo a Evora, teria anticipadamente fugido, como já havia feito no assalto de Beja: deixemos ficar no tinteiro as anteriores, e particulares indisposições do Presidente da Suprema de Beja contra o Arcebispo de Evora, e occultemos o que neste respeito se passou.

§. 40.

Em quanto se davaõ as disposições, que temos men-

cionado; e outras que por insignificantes naõ escrevemos, resolveo-se, em huma sessaõ geral, que para illudir, ou retardar a vigilancia do Infernal Lagarde, e as iras do nefando Junot, se enviasse a este huma participaçaõ em nome dos Estados de Evora, na qual se confessasse, que as instancias, e as terriveis ameaças de Badajoz e Sevilha haviaõ violentado Evora a acclamar o Principe Regente; que este acto extorquido violenta e furiosamente de huma Cidade sem tropas, sem armas, e sem recursos para impugnar taõ indiscreta, e arriscada proposiçaõ, nenhumas consequencias podia ter; nem menos podia obstar ao respeito, e obediencia devidas ao Governo Francez. — Deste modo se persuadio a simplicidade Eborense, que poderia enganar o astuto Junot, ou ao menos interpôr o espaço de alguns dias, bem necessarios para a defeza da Cidade. Ordenou-se ao Magistrado, que fazia de Secretario dos Estados, que escrevesse a participaçaõ referida, e que occultamente (sem que a Cidade o penetrasse) a fizesse chegar á maõ de Junot pela de hum Irmaõ, que o dito Magistrado tinha em Lisboa: assim o cumprio o Secretario; mas quiz o fado que o portador entrasse em casa de hum homem nunca menor que suas acções, o qual, dando uso ás suas desconfianças, abrisse as cartas, sem o portador dellas o sentir, e as tornasse a cerrar, depois de ter sacado dellas huma, ou mais copias. Esta he a decantada carta, que tanto deo que entender ao caldeireiro, que a conduzio, e que tanto tem dado que fallar depois que o sabio Desembargador Miguel Pereira de Barros (por hum accidental incidente) lhe chamou — carta realmente traidora. — Esta he a carta, que de nenhum modo directo, nem indirecto pode ser nociva ao honrado, sabio, e assás benemerito Magistrado, a quem a Cidade representada nos Tres Estados ordenou que como Secretario a fizesse, e como Encarregado a enviasse. Esta he finalmente a carta, que pelas patrioticas desconfianças daquelle louvavel homem, se veio a fazer desastrosa a alguns Magistrados respeitaveis, e que naõ deixou vulgarmente, e por acaso, de fazer mais odioso, do que já era, o nome de José Paulo de Carvalho.

§. 41.

Pozeraõ-se vedetas pela estrada de Lisboa, de duas em duas legoas, para avisarem de qualquer movimento, ou noticia, que houvesse desde Aldegallega: varias pessoas foraõ occultamente encarregadas da espionagem, de que naõ souberaõ dar conta, ou por menos espertas, ou por nimiamente temerosas. Huma carta vimos na carteira do Doutor José Paulo, escrita por hum Religioso de Alcochete á borda do Téjo, para o Guardiaõ de S. Francisco de Evora, na qual dizia aquelle Espiaõ — que em Lisboa se dizia que quatrocentos Francezes marchariaõ a prender os cabeças de motim de Evora; mas que isto seria tarde, em razaõ de haver em Lisboa poucas tropas, e temer-se algum desembarque dos Inglezes, que estavaõ á vista. De todos os Espiões este era tido pelo melhor, e tal era a sua insufficiencia, que ainda no dia 27 ignorava que no dia 29 seria Evora assaltada, e consumida por nove mil Francezes. A sobredita carta achámos nós na carteira do Doutor José Paulo de Carvalho, aonde igualmente vimos sinco ou seis cartas do serviço com os sobreescritos impressos, e com o sello da Aguia Franceza, do Governo de Junot, ainda fechadas, e intactas; porque elle as naõ abria. Estas cartas estaõ descritas no Inventario, que se fez dos papeis do Doutor José Paulo, logo que constou da sua morte. Outra carta vimos do Corregedor Mór de Setubal, dirigida por hum Soldado do Regimento da dita Villa ao Doutor José Paulo, tres dias depois do assalto de Evora, na qual aspera e rigorosamente o reprehendia, de naõ lhe responder aos seus officios, nem lhe ter ainda participado o levantamento de Beja, acontecido no meado de Junho; e concluia dizendo — já naõ podeis occultar que sois inconfidente, e rebelde contra o Governo Francez. — Esta carta, que no Palacio Archiepiscopal andou pelas máos de todos, foi entregue á viuva do dito Doutor José Paulo, que a tem.

§. 42.

A Junta, ou Regencia de Badajoz, querendo cumprir os votos, que havia tantas vezes feito a Evora, de

a defender dos Francezes, e vendo-se todos os dias acossada das reiteradas instancias de Evora, para que sem perda de tempo enviasse o tantas vezes promettido exercito, fez marchar hum corpo de tropas, de que entaõ podia dispôr, e consistia elle em hum meio parque de artilheria de bronze de calibre N.° 8, montada em boas carretas, e servida de reforçados cavallos, e destros Soldados; hum Regimento de cavallaria mui luzido, chamado de Maria Luiza, e por antonomasia — Maria foge —, e outro Regimento de infantaria de Blanquilhos, de boa gente, mas muito mal fardados. Estes dois Regimentos incompletos, e aquelle meio parque de artilheria formavaõ o exercito tantas vezes offerecido. O célebre D. Frederico Moretti era o seu Chefe, que, sendo apenas hum Capitaõ graduado em Sargento Mór, arrogou o nome, e os poderes de General. Este homem buliçoso, e inçansavel foi aquelle que em seu nome, e da parte da Regencia de Badajoz veio a Evora frequentes vezes lançar os alicerces da gloriosa, mas desgraçada insurreiçaõ. Elle nas occultas conferencias da Quinta do Sande agitava com incrivel fogo toda a importancia de taõ alto negocio, e pessoalmente hia expôr na Regencia de Badajoz os effeitos da sua missaõ. Este Hespanhol já naõ era desconhecido em Evora: elle tinha vindo a Portugal, aggregado á familia do General Solano em auxilio da invasaõ Franceza: este Joven no Quartel General de Setubal com a sua rabeca, guitarra, e altissimos boleiros moderava nas familias as amarguras, que provinhaõ do severo tratamento do General, e muitas vezes as Freiras de Setubal, de Evora, de Borba, e de Villa Viçosa tiveraõ o gosto de admirar suas prendas. Tal era a paixaõ da musica, que o dominava, que nem ainda nos dias de maior apuro deixou de foliar, e ainda mesmo quando no ataque do terrivel dia 29 de Julho se retirou da acçaõ á unhas de cavallo, ainda entaõ teve acordo para ir ao Palacio Archiepiscopal buscar a sua guitarra, e a rabeca. Este facto, que parece hum impossivel, he huma verdade realisada á face de hum Arcebispo, da sua familia, e de grande número de homens maiores de toda a excepçaõ.

§. 43.

Altivo, e fanfarraõ com o nome, e os visos de General, caminhava para Evora o divertido D. Frederico Moretti á frente das tropas Hespanholas do seu commando; mas estas por algumas antecedencias, que naõ he necessario referir, pouca ou nenhuma confiança punhaõ no seu chamado General. Ellas bem viaõ que naõ sendo este homem puramente Hespanhol, e tendo-se havia pouco tempo desconchavado do General Solano, naõ tinha por isso a melhor opiniaõ a seu favor, quando a Seita do infernal Godoy estava já proscripta, e damnada no total da Naçaõ Hespanhola. Moretti era abocanhado nas tramoias, porque Galluzo fôra mastigado, e as tropas naõ podiaõ entender como hum simples Capitaõ, graduado em Major, tivesse as altas partes, que devem constituir hum digno General. Penetradas destes multiplicados receios caminhavaõ sem aquelle furor, que deve conduzir os valentes ao campo dá batalha, e no momento de avistarem a Cidade de Evora, do alto de Valle de Fornalhas, que dista da Cidade tres legoas, apoderou-se das tropas o temor, e depondo os deveres do valor, e da subordinaçaõ, fizeraõ alto, e protestáraõ que dalli naõ avançariao por naõ cahirem em alguma traiçaõ. De balde interpunha Moretti sua palavra de honra; de balde pretendia inspirar-lhes valor e coragem, por que nelle nada confiavaõ, e quanto se redobravaõ as instancias de Moretti, outro tanto se augmentava a repugnancia das tropas, que, a naõ ser a prudente, e urbanissima sahida do Tenente General Francisco de Paula Leite, que com seus Ajudantes, e com o benemerito Sargento Mór das Ordenanças Manoel Ferreira da Costa, as foraõ esperar, tarde ou nunca ellas chegariaõ a Evora. O certo he que este casual incidente as fez caminhar, de sorte que antes do meio dia estavaõ arrumadas aos muros da Cidade, aonde immenso povo as esperava com indizivel contentamento, e fizeraõ sua entrada, que nós mesmos observámos, na maneira seguinte.

§. 44.

O incansavel, e honrado Manoel Ferreira da Costa, Sargento Mór das Ordenanças de Evora, com alguns dos seus Officiaes, enfeitados de novos uniformes, formava hum piquete de guarda nobre, ou batedores de honra, cuja retaguarda cobria o Desembargador José Paulo de Carvalho. Em distancia de cincoenta passos seguia-se o Tenente General Francisco de Paula Leite com o seu Estado Maior, o qual fazia a vanguarda da tropa, que após delle vinha. Huma partida de cavallaria de Maria Luiza, ou Maria foge, formava a guarda avançada, cuja marcha seguia hum pelotaõ de Granadeiros Veteranos em frente de duas companhias de infantaria. Seguia-se a nobre artilheria, composta de seis peças de bronze, de calibre N.º 8 com dois pequenos obuzes, tudo muito bem montado, servido por destros Soldados, e possantes cavallos. Ainda hoje nos aborrecemos de huma ridicula farça, com que Allonço Xiquito mascarou hum acto, aliàs taõ nobre, mandando que hum........, menino de oito, ou nove annos, para o qual tinha conseguido o posto de Alferes, fosse puxando hum corpo de tropas respeitavel, montado em hum cavallinho gallego, taõ pequeno, como o cavalleiro, e com huma espadinha na maõ, que parecia hum Santiaguinho de chumbo, do chapéo de algum Romeiro de Compostella; eis-aqui como, até nas occasiões mais criticas, e que per si mesmas requerem decencia e dignidade, toma posse dos homens a loucura, que transtorna a essencia das cousas. Que valente Official de ganchinho de meia para se apresentar na Praça de Evora, á frente do chamado exercito, que devia defendella em circumstancias taõ apertadas! Eis-aqui o patriotismo de certos homens tagarellas, que por modos desusados querem fazer-se notaveis, sem embargo dos embargos. Immediatamente depois da artilheria seguia-se o resto da infantaria, e todo este corpo de tropas, que naõ completava o total de huma Brigada, foi alojar-se no Aquartelamento dos Castellos, aonde era muito bem municiado á custa da Cidade.

§. 45.

Naõ obstante o bom tratamento que se fazia em Evora aos Soldados Hespanhoes, elles naõ perdiaõ a desconfiança de que D. Frederico Moretti, seu Chefe, os mettesse em alguma tramoia, donde naõ fosse capaz de os tirar; e muito mais desconfiavaõ quando viaõ o máo estado da defensa, em que Evora se achava, sem gente, nem armas, nem apoios: destas desconfianças nasceo o rumor, e este degenerou em huma tumultuosa voz de traiçaõ, excitada no centro do Aquartelamento. Eraõ 11 horas da noite, tocaõ-se as caixas, correm os Officiaes a socegar a tropa, mas saõ desattendidos. Offerecem-se os Officiaes a seguilla no seu destino, protestaõ os Soldados que querem esperar o inimigo no campo, mas que naõ querem ser surprendidos dentro da Cidade: póem-se em desordenada marcha com a artilheria, sahem pela porta de Alconchel, e seguem a estrada de Lisboa até aos altos da Bicada: o escuro da noite, e a voz de hum Official, em quem confiavaõ, os persuade a fazerem-se fortes naquella posiçaõ, aonde passaõ o resto da noite com as armas na maõ, como se tivessem o inimigo á vista, mas desenganados, ao amanhecer, da sua illusaõ tornaõ a procurar a Cidade, e vaõ metter-se no seu Aquartelamento. Tal era a subordinaçaõ da tropa, que devia defender Evora, e tal era o conceito, que formavaõ do seu chamado General Moretti!!! Na antevespera do dia 29, por ordem do General Francisco de Paula Leite, toca-se hum tambor pelas ruas da Cidade ás quatro horas da tarde, sem se saber o para que; corre a Cidade ás armas, e faz-se huma revista no Rocio, á qual assistem o Tenente General Leite, e José Paulo de Carvalho, e o Desembargador José Francisco Fernandes Corrêa, que servia de Juiz de Fóra e Orfãos, e do Secretario da Regencia Eborense. Tudo, que naõ era tropa regular, appareceo nesta revista geral, mas sendo assás diminuto o Clero de Evora, relativamente á sua extensaõ, e intensaõ Metropolitana, podémos (sem encarecimento) dizer que a maior parte era a dos Clerigos e Frades. Nenhum nem por decrepito, nem por invalido deixou de apparecer com espadas, chuços, dardos, roçadouras, e

machados ; com muita urbanidade o Tenente General Francisco de Paula Leite agradeceo a todos em Nome de Sua Alteza Real a promptidaõ e honra , com que se prestavaõ pela defensa da Patria , e os despêdiô para suas casas a descançar. O Regimento de Estremoz, muito incompleto , ás ordens do Brigadeiro Aniceto Simaõ Borges , e alguns exulados fragmentos do de Serpa , e Mexia , e eis-aqui o exercito Provincial , que Evora, ou a sua Regencia tinha podido juntar até á vespera do terrivel dia 29 de Julho.

§. 46.

Em circumstancias de tanto apuro já a Regencia padecia convulsões mortaes ; já as sessões eraõ diurnas , e nocturnas ; já os altos Regentes se naõ entendiaõ huns aos outros ; já desconfiavaõ até de alguns dos da primeira Jerarquia entre si ; e a tal ponto chegou o seu terror , que assentáraõ de fugir ; e cada hum pedio os transportes,' que julgou necessarios , os quaes foi encarregado de aprómptar o Doutor José Paulo de Carvalho ; mas sempre constantes em que a Cidade se defendesse , e que fosse punida , como réo de morte , qualquer pessoa que intentasse sahir da Cidade , ou que indicasse o mais remoto signal de temor. Ordem barbara , e cruel , que durou até ao final momento do assalto , e que sendo para todos taõ severa , sómente deixou de o ser para os Regentes , para suas famílias , e para seus apaixonados , que sahiaõ a salvar suas vidas , e preciosidades , deixando innumeraveis desgraçados maniatados para serem passados a ferro. A verdade , e a justiça mandaõ que neste lugar se naõ confunda com o total da Regencia , a honra do Desembargador Manoel Simões da Rosa Moreira , Presidente do chamado Conselho da Fazenda , o qual , sabendo das ultimas resoluções , e ordens da Regencia , clamou altamente contra huma tal infelicidade , e naõ duvidou dizer — que devia ser tida como cabeça de traiçaõ. — Seus clamores fizeraõ talvez conter o Arcebispo , em cujo Palacio elle levantava suas vozes , por ser alli o Throno da Regencia , e tolhêraõ igualmente os passos ao Desembargador Juiz de Fóra , Secretario de Estado , e ao Padre Mestre Catalaõ , Deputado do San-

to Officio, e da Regencia. He igualmente necessario confessar que o Tenente General Francisco de Paula Leite naõ assistio á ultima, e terrivel sessaõ da Regencia, por andar occupadissimo em disposições militares, e que o Bispo de Maranhaõ, hum dos Senhores Regentes, persuadido que a Cidade podia bem defender-se das poucas tropas, que o Governo Francez entaõ tinha disponiveis em Lisboa, se recolheo de huma herdade, para onde ha pouco se havia retirado, e veio encerrar-se em sua casa, por naõ conhecer o perigo. Procuraremos a seu tempo a opportunidade de fallarmos á cerca do destino, ou applicaçaõ que se fez do Clero Urbano assim Regular, como Secular, em ordem a defensa da Cidade; mas tal he o fervor, e ancia, com que desejamos elogiar o seu valor, e a sua admiravel animosidade, que toda esta obra nos pareceria abbreviada, ainda quando o seu objecto naõ fosse outro senaõ hum empenho dos seus bem merecidos louvores. Em todos reinava a mesma valentia, a mesma coragem, e a mesma honra; era porém assás admiravel o enthusiasmo do seu Chefe Remigio, Conego Capitular, que naquella hora, depois de ter grandiosamente refrescado o Clero do seu commando com tudo quanto em sua casa podia fornecer-lhe, passou a conduzillo ao combate, introduzindo-lhe com o seu exemplo a necessaria bizarria, mas sem disposiçaõ, nem ordem, nem fórma, senaõ para a desaventurada sorte, que os esperava. Taes saõ os effeitos da inconsideraçaõ popular!

CAPITULO III.

Do Ataque e Defensa.

§. 47.

AManheceo o fatalissimo dia 29 de Julho de 1808, e era tal o concurso de descuidos, e erros, que ainda ás 5 horas da manhã se ignorava na Cidade ter o inimigo naquella noite invadido, e saqueado a Villa de Monte-Mór o Novo, que dista sómente sinco legóas. O Regimento de cavallaria, ou antes a sua Officialidade, vimos nós ao amanhecer junto á Quinta dos Padres de S. Do-

mingos, estar almoçando em hum perfeito socego; e porque hum dos Espiões de cavallo veio dizer que o inimigo, em número de nove mil homens, tinha saqueado já a Villa de Monte-Mór o Novo, e escarmentado nas azinhagas da dita Villa o Regimento de Estremoz, que alli o esperava de emboscada, foi o dito Espiaõ agarrado, espancado, e prezo como terrorista; mas nessa mesma hora começou a apparecer junto á Cidade o Regimento de Estremoz, ás ordens do Brigadeiro Aniceto Simaõ Borges, o qual tendo feito quatro marchas rapidas sobre Monte-Mór, e outros tantos retrocessos procedidos das inconstantes ordens, que recebia de Evora, assim mesmo cançado de fadigas, marchas, e contramarchas, sem alimento algum, e tendo sido surprendido pelo inimigo na emboscada, que havia formado nos vallados, e fazendas de Monte-Mór, aonde sustentou hum enormissimo fogo do exercito inimigo, assim mesmo conseguio abrir marcha, e chegar a Evora muito primeiro que os Francezes, os quaes se demoráraõ algumas horas no saque daquella Villa, aonde matáraõ os Clerigos, que com as armas na maõ defendiaõ a Patria, e algumas outras pessoas.

§. 48.

Quem observar os acontecimentos das Terras, que se pozeraõ em defensa, verá que os Clerigos, e os Frades foraõ sempre os que, por naõ fugirem, morrêraõ afogados no seu proprio sangue com as armas na maõ. E será tal a baixeza dos Impios Marciaes, que talvez se atrevaõ ainda a procurar — De que servem Clerigos, e Frades? Logo que na Cidade correo a voz de que o inimigo se avisinhava, tocou-se hum esfarrapado tambor; quatro peças de artilheria ás ordens de hum habil, e destro Tenente Coronel Hespanhol com assistencia do Brigadeiro Vicente Antonio de Oliveira, foraõ collocar-se no alto do moinho de Vento junto a S. Bento, á direita da estrada de Lisboa: posiçaõ na verdade vantajosa, e de antemaõ escolhida pelo Marquez de Ternay, Ajudante de Campo do Tenente General Francisco de Paula Leite. Duas outras peças de igual calibre occupavaõ huma pequena eminencia na parte opposta da Cidade, que domina a estrada de Estremoz; outra ficou no Ter-

reiro do Quartel Militar, chamado dos Castellos da Cidade, e com ella hum pequeno obuz. O chamado Regimento de cavallaria foi postar-se no alto de S. Bento na retaguarda da artilheria; o de Estremoz na encosta do mesmo outeiro ao longo da estrada de Lisboa, que o inimigo trazia; e os Caçadores de monte fizeraõ huma emboscada nas pedras, e matos da Serrinha, pouco mais adiante do Regimento de Estremoz. Os inimigos tinhaõ hum exactissimo conhecimento, assim do local, como do formal da Cidade, e por isso desde Lisboa traziaõ em resoluçaõ tomalla por assalto de viva força. Esta he a razaõ, porque naõ traziaõ nem artilheria de bater, nem escadas; traziaõ porém camizas, e novellos incendiarios, alguns carros de granadas de maõ, quatro peças de campanha, dois pequenos obuzes, e copiosos caixões de cartuxame, com as mais equipagens, e apprestos bellicos. No mesmo exercito traziaõ muita tropa, que por muitos mezes havia estado destacada em Evora, e que tinha perfeito conhecimento das fraquezas, e baixos da muralha, e até dos habitantes, e seus haveres. A tropa Hespanhola, esse decantado exercito tantas vezes promettido, e que naõ passava de hum Esquadraõ de cavallaria de Maria Luiza, chamado por antonomasia — Maria foge — hum Regimento de infantaria de Blanquilhos, e os artilheiros, de que já fizemos mençaõ, tudo ás ordens do ufano D. Frederico Moretti, que com o titulo emprestado de General apenas era hum Major feito em apuros, occupavaõ em tres Divisões a planicie do lagar da Maxoca, o alto da Cruz da Bicada, e a parte interior da Quinta dos Orfãos: a do centro defendia a cabeça da estrada, e as outras duas flanqueavaõ a direita, e á esquerda, apoiadas, esta por hum Batalhaõ de Estremoz, aquella por outro do mesmo Regimento, e por hum corpo irregular de Milicianos de Villa Viçosa, e alguns fragmentos mui diminutos dos extinctos Regimentos N.° 15, e 17, cujo total mal compunha hum informe Batalhaõ. A artilheria cobria todos estes mal guarnecidos pontos em huma posiçaõ superior a todos elles, e era servida por Artilheiros de cavallo, quasi todos Hespanhoes, dirigidos por hum habil, e destro Tenente Coronel de artilheria Hespanhol, homem assás intelligente, e corajoso.

§. 49.

A defensa da Cidade, no seu interior, foi commettida vaga e cegamente ao Clero Secular, e Regular, divididos em duas mangas, esta ao mando de hum Mestre Religioso Franciscano, e aquella ao de huns Conegos Capitulares, engrossadas de paizanos, sem disciplina, sem fórma, nem disposiçaõ, alguns com algumas espingardas impraticaveis, outros com espadas, e chuços, e a maior parte sem páo nem pedra. O total de toda esta massa informe talvez naõ excedesse o número de setecentos defensores; e como o ambito circumferencial da Cidade abrange mais de dois mil passos, e taõ curta porçaõ de combatentes mal poderia guarnecer a centesima parte dos antigos, e débeis muros, pareceo necessario reduzir a defensa mais vigorosa aos pontos, em que a Cidade seria atacada; taes foraõ a porta de Alconchel, que entesta na estrada de Lisboa, e que na verdade sustentou com valor heroico todo o pezo do ataque, como adiante veremos; a porta de Aviz, que por falta de direcçaõ foi a primeira, que se rendeo; a do Rocio, que naõ mostrou fraqueza; e a da Alagoa, que por sua debilidade nada tinha de defensavel. Estes saõ os pontos, pelos quaes irregularmente foraõ divididos os combatentes, e em todos elles houve Clerigos, que obstinados na defensa ahi ficáraõ mortos; era porém immensa a distancia (e sem dúvida a mais fraca) que ficava desguarnecida; porquanto, se desde o Buraco do Raymundo até ao angulo exterior dos Castellos havia a muralha nova, que apenas abrange huma sexta parte da Cidade, o resto era facil de ser rompido, e baldeado, porque a muralha, que o cinge, he metade Fernandina, mui fraca (supposto que alta) e mui delgada; e outra metade he mui baixa, ou quasi rasa, construida de terra, já podre, e repassada.

§. 50.

Tal era a santa simplicidade dos Eborenses, e tal confiança punhaõ elles nos Chefes da sua gloriosa, mas desgraçada insurreiçaõ, que olhando para as armas inimigas, como para huma escaramuça de creanças, ou co-

nio para hum fantasma diabolico, que se dissipa com o signal da Cruz, alegres corriaõ a defender-se, sem gente, sem armas, sem polvora, sem fórma, sem ordem, e sem a menor direcçaõ. O inimigo, que, como já dissemos no §. 48, tinha conhecimento da Cidade, de seus pontos interiores, e exteriores, e até mesmo da insufficiencia, e desordem da sua guarniçaõ, pois que até hum Official afrancezado dos que vieraõ ao assalto, e que esteve em casa do Inquisidor Gervasio, havia estado cinco dias antes disfarçado na Cidade, e tinha presenceado na Santa Sé a funcçaõ d'acçaõ de Graças, em que já fallámos. O inimigo (diziamos) cujo exercito ás ordens do terrivel Loison se compunha (segundo as datas dos Assentos de Monte-Mór, e de Evora) de nove mil homens, chegou na manhã do dia 29 de Julho a hum alto, que domina a ponte de S. Mathias, e que dista da Cidade pouco mais de huma legoa. Ahi dividio o total de suas tropas em tres columnas iguaes, a da esquerda ás ordens do General Margaron, para que com marchas rapidas, cortando as estradas de Arraiolos, do Vimieiro, Estremoz, e Villa Viçosa, avançasse a formar hum semicirculo pela parte oriental da Cidade, impedindo as entradas, e as sahidas, e atacando ao mesmo tempo aonde, e como mais opportuno lhe parecesse: a da direita a entregou ao General Solignac, para que do mesmo modo e ao mesmo tempo operasse pelo lado occidental, fazendo-se senhor das estradas de Alcacer, Beja, Portel, e Monçaraz, e que cerrasse o circulo, unindo a extremidade da sua direita com a esquerda do General Margaron: reservou para si as operações do centro, e seguio a mesma marcha que trazia, sem declinar da estrada real.

§. 51.

Tendo chegado ao sitio da Lucena, que dista da Cidade hum quarto de legoa, começou a artilheria do alto de S. Bento a fazer-lhe fogo, que nenhum damno lhe causava, por ser de metralha, e muito desvairada; mas vendo o Tenente Coronel Hespanhol, Commandante dos Artilheiros, que o inimigo naõ deixava de continuar a marcha, e que sem cessar abria, e cerrava flancos para evitar o damno da metralhada, variou deste ex-

pediente, e principiou a carregallo com lanternetas de bala miuda; este fogo produzio melhor effeito, do que o primeiro, supposto que a distancia fazia espalhar nimiamente as munições, e por isso o estrago naõ correspondia ao trabalho das artilherias, cujas manobras foraõ, sem dúvida, muito rapidas, e taõ velozmente repetidas, que o inimigo confessava ao depois nunca ter visto hum fogo taõ vivo, e taõ profiado. Entre tanto o inimigo continuava em avançar, abrindo d'em quando multiplicados flancos, e formando meias luas para evitar o damno das lanternetas. He muito digna de notar-se a innocente simplicidade de hum homem, que vendo flanquear-se o inimigo, e naõ conhecendo o motivo, corria em hum bom cavallo para a Cidade, e pelas ruas andava gritando — victoria — victoria — Tres vezes repetio esta pueril encamisada, entrando e sahindo, mas sempre muito ao largo do campo da batalha, até que conhecendo o seu erro, tornou á estrada dos Egiptanos, aonde chegou primeiro do que os outros, e ainda lá se naõ dava por seguro. Cada vez mais, e mais o inimigo avançava na sua marcha, até que chegou ao trabalho de fuzil, no qual os Caçadores de monte, que eraõ os primeiros no ponto da sua emboscada, nada nos deixáraõ a dizer, senaõ que espantados com a presença do inimigo, e do pouco caso, que elle fazia do damno da artilheria, poseraõ-se em debandada fuga, e naõ teve o inimigo a gloria de os tornar a ver. Outro tanto fizeraõ os Esquadrões da cavallaria, que nem ao menos desembainháraõ as espadas, sendo nesta resoluçaõ taõ uniformes os Portuguezes, e os Hespanhoes, que a nenhum delles ficou direito de se arguirem; mas o que podiaõ fazer dois punhados de gente indisciplinada, sem cavallos, e sem armas, contra hum corpo volumoso de Dragões veteranos, e bem municiados?? Eis-aqui o que fazem cabeças desatinadas e temerarias! Differente foi o comportamento das infantarias, pois que naõ obstante ser trinta vezes inferior em número á dos inimigos, assim mesmo lhes fez a mais heroica resistencia, até esperallos a pé firme na ponta das baionetas. Manda a verdade que confessemos a bizarria, com que se houve nos seus pontos a infantaria alliada, mas requer maiores elogios o valor do Regimento de Estremoz. O grande número de Soldados des-

te Regimento; que com o seu Brigadeiro ficáraõ prisioneiros, abonaõ a honra, com que se houveraõ. Já a este tempo as cavallarias desordenadamente fugiaõ, huns pela estrada de Estremoz, outros pela de Monsaraz, outros pela de Olivença, e o célebre D. Frederico Moretti ainda teve acordo de entrar na Cidade, e ir ao seu Quartel General buscar huma guitarra, que lá tinha deixado, e valeo-se das unhas do cavallo; mas nem elle, nem outro algum dos que mettêraõ a Cidade em taes trabalhos, se lembrou de mandar levantar a fatalissima ordem, que tinhaõ posto nella, de que — fosse immediatamente morto quem quer que intentasse sahir. — Esta terrivel, e barbara ordem esteve em seu vigor até ao ultimo momento; e ella foi a enorme causa de tantas e taõ lamentaveis desgraças.

§. 52.

Em quanto as valentes infantarias alliadas se batiaõ encarniçadamente com o exercito de Loison, se mandou buscar á Cidade a toda a pressa hum obuz, que devia ter-se collocado no alto da Picada, cabeça da estrada, e que por erro indesculpavel tinha esquecido; mas quando elle chegava ao chafariz das Bravas, cahio nas mãos do inimigo, cuja vanguarda já alli chegava. As columnas de Solignac, e Margaron executáraõ as ordens sem opposiçaõ alguma dos alliados, que sempre estiveraõ entendendo que o exercito inimigo era composto sómente da columna do centro, e quando deraõ noticia das outras duas, já entaõ estava quasi cerrado o cordaõ. Esta foi a causa, porque tanta gente, e tantos effeitos cahíraõ nas unhas do inimigo. Tal foi o descuido, e a cegueira dos que dispozeraõ tal empreza, e tal defeza!! Mas aonde governaõ todos, ninguem governa.

§. 53.

Abarbadas já aos muros da infeliz Cidade as Legiões Francezas, foi entaõ que ellas viraõ huma resistencia nunca assás encarecida, e de que naõ haverá igual exemplo na Historia da nossa actual Restauraçaõ. Os Clerigos, e os Frades (numero muito abbreviado) e al-

guns paizanos (ainda em menor número) que se haviaõ deixado por incapazes de entrarem nos corpos regulares, sem armas, senaõ algumas, que algum podia occultar, quando com pena de morte se tinhaõ tirado para as tropas; eis-aqui os terriveis combatentes, que depois de terem causado ao inimigo a maior perda, vieraõ finalmente a deixar estendidos seus cadaveres pelas ruas, pelas praças, e pelos muros da Cidade, que de repente se tronou em hum terrivel theatro de sangue, de mortos, de roubos, de sacrilegios, de abominações, e de espantosas deshumanidades. He muito necessario alentarmos o espirito, para naõ succumbirmos ao descrever os horrores do saque, que vai ser objecto do Capitulo seguinte, e aproveitemos esta conjuncçaõ para desabusarmos os fanaticos, que taõ facilmente se deixaõ illudir dos impostores velhacos, de que o mundo sempre teve pestifera abundancia. A historia do Fradinho, apontada na Introducçaõ desta obra, teve sua origem em hum Patetaõ, que querendo inculcar o ter-se achado na refrega da Picada, (o que assim naõ he) pois muito anticipadamente o vimos fugir, começou, muitos tempos depois, a dizer nas Partidas das Senhoras — que em hum ribeirinho, ou regato, que corre entre S. Caetano, e o lagar da Machocá, víra elle perfeitamente hum pequeno Fradinho com hum habito desusado, mui semelhante ao de S. Francisco, o qual, em quanto naquelle lugar durou o terrivel fogo de canhaõ, e de mosquetaria, andava dando velozes saltos, e risadas mui altas, entre os estilhaços, e as balas, sem que alguma dellas chegasse a offendello: Que, quando o Fradinho abria os braços, recebia o inimigo maior damno das nossas tropas, e que quando os fechava, se confundiaõ os passos do inimigo por hum modo tal, que caminhando sempre, nunca adiantavaõ terreno: Que sobre a cabeça do Fradinho se vibrava hum raio de luz taõ scintillante, que offuscava as vistas do inimigo, e afinava a dos alliados; concluia finalmente o Patetaõ a historia do Fradinho, dizendo — que elle tinha todos os motivos para crer que era S. Francisco, ou Santo Antonio; mas que o seu camarada F..... que andava ao seu lado, (este camarada dormio nessa mesma noite, a dez legoas de distancia de Evora, em casa do Presidente da Regencia de......) lhe dissera que elle

sabia ser S. Paulo, e que elle o tinha visto sahir de humas penhas da Serra de Santa Margarida, aonde em outros tempos habitavaõ os Frades Paulistas. Eis-aqui a célebre historia do Fradinho, inventada por quem mal chegou a ver, muito ao longe, as tropas inimigas, e que nós mesmos vimos ir fugindo, e lhe gritámos do alto da muralha, aonde estavamos com os combatentes esperando que o Inimigo chegasse a tiro. Eis-aqui como os homens abusaõ até do mais respeitavel, e mais piedoso da nossa Santa Religiaõ, para fins depravados do seu capricho, e da sua má fé, sem lhes fazer pejo que de taes imposturas se originem superstições, ou idolatrias, nem que de taes ridicularias se sirvaõ os Heterodoxos para mofarem da nossa crença, e atacarem até os factos authenticados nos Livros Santos, e Canonicos. Naõ he sem causa que se disse que o tal Frade era hum Official P. aggregado ás tropas de Junot, o qual naquelle disfarce observára dias antes a Cidade, e na hora do combate se achou no campo dando as senhas ao negregado Loison. Assim o affirmou hum Official Francez, que esteve aquartelado em casa do novo Thesoureiro Mór.

Foi escrita esta obra em 1809.



C ..ta de Machede
E P.ta do Rocio
F Estrada de Lx.a
G Grâz da Picada
H Quinta dos Orfáõns
I Moinho de Vento
L S. Bentō
M Lucena
N Remedios
O S. Sebastiaõ
P Bravas
Q Quinta de S. Dom.
R Quinta do Sonda
S Espinheiro
T S. Braz
V Quinta do Aleaõ
X Capuxos
Z Cartuxa
K Maxoca

Tropas

a Artelharia
b Cav.r Portug.a
c Infant.a Portug.a
d Cav.r Espanhola
e Infant.a Esp.a
f Artelharia

EVORA

3 Monçaraz
4 Moura
5 Portel
6 Vianna
7 Alvito
8 Beja
9 Vidigueira
10 Pavia
11 Arraiolos
12 Graça
13 Alcaçovas
14 Alcaçer
15 Vimieiro
16 Souzel



